

Greve de massas, partido e sindicatos

(Título original: *Massenstreik, Partei und Gewerkschaften*. Esta tradução foi feita com base na impressão do manuscrito publicado em 1906)

Rosa Luxemburgo

I

Quase todos os escritos e declarações do socialismo internacional sobre a questão da greve de massas datam da época *anterior* à Revolução Russa, o primeiro experimento histórico em grande escala com esse meio de luta. Assim também se explica o fato de serem, em sua maioria, antiquados. Em seu entendimento encontram-se essencialmente na mesma posição de Friedrich Engels, que no ano de 1873, em sua crítica à fabricação de revoluções (*Revolutionsmacherei*) por Bakunin, na Espanha, escreveu:

A greve geral, no programa de Bakunin, é a alavanca que introduz a revolução social. Numa bela manhã, todos os trabalhadores de todas as indústrias de um país ou até mesmo de todo o mundo param de trabalhar e, assim, no máximo em quatro semanas obrigam as classes proprietárias a darem-se por vencidas ou a golpear os trabalhadores, de modo que estes tenham o direito de se defender e, nessa oportunidade, derrubar toda a antiga sociedade. A proposta está muito longe de ser nova; desde 1848, os socialistas franceses e, em seguida, os belgas montaram bastante nesse cavalo de batalha que é originalmente de raça inglesa. Durante o desenvolvimento rápido e vigoroso do cartismo entre os trabalhadores ingleses, que se seguiu à crise de 1837, já em 1839 se apregoava o “mês santo”, a interrupção do trabalho em escala nacional¹, e encontrou tamanha ressonância, que os operários do norte da Inglaterra tentaram realizar a coisa em julho de 1842. – Também no congresso dos aliancistas de Genebra, em 1.º de setembro de 1873, a greve geral desempenhou um grande papel, mas de modo geral se admitia que, para isso, seria necessária uma organização completa da classe trabalhadora e um caixa cheio. E aí é que está o problema. Por um lado, os governos, em especial quando são encorajados pela abstenção política, jamais deixarão a organização e o caixa dos trabalhadores chegar a esse ponto; e, por outro, os acontecimentos políticos e as ofensivas da classe dominante irão provocar a libertação dos trabalhadores muito antes que o proletariado esteja próximo de conseguir essa organização ideal e esses fundos de reserva colossais. Mas se ele os tivesse, não precisaria do desvio da greve geral para alcançar seus objetivos.²

¹ Engels, *Die Lage der arbeitenden Klasse in England*. In: Marx; Engels, *Werke*.

² Id., *Die Bakunisten an der Arbeit*. In: Marx; Engels, *Werke*.

Aqui temos a argumentação que orientou, nas décadas seguintes, a tomada de posição da social - democracia internacional no que se refere à greve de massas. Ela é feita sob medida contra a teoria anarquista da greve geral, isto é, contra a teoria da greve geral como meio de introduzir a revolução social em contraposição à luta política diária da classe trabalhadora, e limita-se a este simples dilema: ou o proletariado como um todo ainda não possui organizações nem fundos poderosos, e assim não consegue realizar a greve geral, ou está devidamente organizado e então não precisa da greve geral. Essa argumentação, aliás, é tão simples e, à primeira vista, tão incontestável, que durante um quarto de século prestou excelentes serviços ao movimento operário moderno como arma lógica contra as quimeras anarquistas e como recurso para levar a ideia da luta política aos círculos mais amplos do operariado.

Os enormes avanços desse movimento em todos os países modernos durante os últimos 25 anos são o exemplo mais brilhante da tática de luta política defendida por Marx e Engels em oposição a Bakunin, e o poder atual da social -democracia, sua posição de vanguarda e a de todo o movimento operário internacional, nada mais são do que o resultado direto do emprego enfático e consequente desta tática. Ora, a Revolução Russa submeteu tal argumentação a uma revisão profunda. Produziu, pela primeira vez na história das lutas de classes, uma realização grandiosa da ideia da greve de massas e – como exporemos melhor adiante – até mesmo da greve geral, inaugurando, assim, uma nova época no desenvolvimento do movimento operário. Disso não decorre que a tática de luta política recomendada por Marx e Engels nem a crítica ao anarquismo feita por ambos estivessem erradas. Pelo contrário, é a mesma ordem de ideias, o mesmo método, subjacentes à tática de Marx e Engels, bem como à prática da social -democracia alemã até hoje, que agora deram origem, na Revolução Russa, a novos elementos e condições da luta de classes. A Revolução Russa, a mesma revolução que constituiu o primeiro teste histórico da greve de massas, não significa a reabilitação do anarquismo, mas na verdade significa uma *liquidação histórica do anarquismo*. A existência lamentável a que essa tendência intelectual foi condenada pelo poderoso desenvolvimento da social -democracia na Alemanha durante as últimas décadas, poderia ser de certo modo explicada pela dominação exclusiva e pela longa duração do período parlamentar. Uma orientação “revolucionária” no sentido mais tosco do termo, pensada inteiramente sob medida para o “ataque” e a “ação direta”, poderia com efeito esmorecer na tranquilidade do cotidiano parlamentar, para somente com um retorno do período de lutas diretas e abertas, com uma revolução de rua, reviver e desdobrar sua força interna.

A Rússia, sobretudo, parecia especialmente propícia a se tornar o campo de experimentação para as ações heroicas do anarquismo.

Um país cujo proletariado não tinha nenhum direito político e cuja organização era extremamente fraca; onde havia uma confusão generalizada de diferentes camadas sociais com interesses muito variados e caoticamente conflitantes, formação mínima da massa popular e, em compensação, bestialidade extrema no emprego da violência por parte do regime vigente – tudo isso parecia como que moldado para dar ao anarquismo um poder repentino, ainda que talvez de vida curta.

Afinal, a Rússia era o local de nascimento histórico do anarquismo. Contudo, a pátria de Bakunin deveria tornar -se o túmulo de sua teoria. Na Rússia, não apenas os anarquistas não se encontravam e não se encontram à frente do movimento de greve de massas; não apenas toda a liderança política da ação revolucionária e também da greve de massas encontra -se nas mãos das organizações social - democratas, que eram duramente combatidas pelos anarquistas russos como “partido burguês”, ou em parte nas mãos de organizações socialistas mais ou menos influenciadas pela social -democracia, e que dela se aproximam, como o partido terrorista dos “socialistas revolucionários”³ – os anarquistas sequer existiam como uma orientação política séria na Revolução Russa. Somente em Bialystok, uma pequena cidade lituana numa situação particularmente difícil – os trabalhadores pertencem a diferentes nacionalidades, prepondera a fragmentação do pequeno empreendimento, o proletariado tem um nível baixíssimo – há dentre os sete ou oito diferentes grupos revolucionários também um punhado de “anarquistas” imberbes, que contribui consideravelmente para a confusão e a perturbação do operariado; e, por fim, em Moscou, e talvez em mais duas ou três cidades, também se pode observar um punhado de gente dessa espécie. Porém, além desses poucos grupos “revolucionários”, qual é o verdadeiro papel do anarquismo na Revolução Russa?

Tornou -se uma fachada para os bandidos comuns e saqueadores; sob a razão social do “anarcocomunismo” é praticada grande parte dos incontáveis roubos e saques contra particulares, que prosperam como uma onda turva em cada período de depressão, oriundos da momentânea posição defensiva da revolução. Na Revolução Russa o anarquismo não se tornou a teoria do proletariado em luta, mas o rótulo ideológico do lumpenproletariado contrarrevolucionário, que se agita atrás do navio de guerra da revolução como um bando de tubarões. E assim

³ Os socialistas revolucionários russos haviam nascido em 1902 a partir dos populistas (*Narodnik*) e apoiavam -se no campesinato. Eles negavam ao proletariado o papel dirigente no movimento revolucionário, queriam eliminar a autocracia tsarista e almejavam uma república democrática instaurada por meio do terror individual.

acaba a carreira histórica do anarquismo.

Por outro lado, a greve de massas na Rússia não foi posta em prática como meio de, repentinamente, feito um golpe teatral, passar à revolução social, desviando das lutas políticas da classe trabalhadora e especialmente do parlamentarismo, mas, em primeiro lugar, como meio para o proletariado criar as condições da luta política diária, especialmente as do parlamentarismo. A luta revolucionária na Rússia, na qual a greve de massas é empregada como a arma mais importante, é realizada pelo povo trabalhador e, em primeiro lugar, pelo proletariado, justamente em prol dos mesmos direitos e condições políticas, cuja necessidade e significado na luta pela emancipação da classe trabalhadora foram demonstrados por Marx e Engels e, em oposição ao anarquismo, defendidos com toda a força na Internacional. Assim, a dialética histórica, o rochedo sobre o qual toda a teoria do socialismo de Marx está assentada, teve como resultado que, hoje, o anarquismo, que estivera inseparavelmente ligado à ideia da greve de massas, entrou em oposição à prática da greve de massas; em contrapartida, a greve de massas, combatida como oposta à atividade política do proletariado, aparece hoje como a arma mais poderosa da luta pelos direitos políticos. Se, portanto, a Revolução Russa torna necessária uma revisão minuciosa da antiga posição do marxismo sobre a greve de massas, é novamente apenas o marxismo que com seus métodos e pontos de vista gerais obtém a vitória sob nova forma. A amada de Moor só pode ser morta por Moor.⁴

II

A primeira revisão da questão da greve de massas, a partir dos acontecimentos na Rússia, refere-se à *concepção* geral do problema. Até agora, tanto os partidários de “tentar a greve de massas” na Alemanha, como Bernstein, Eisner etc., quanto os severos adversários de uma tentativa dessas, representados no campo sindical, por exemplo, por Bömelburg, encontram-se no fundo sobre o mesmo terreno, isto é, o da concepção anarquista. Os aparentes polos opostos não apenas não se excluem mutuamente, mas, como sempre, também se condicionam e se complementam um ao outro. Para o modo de pensar anarquista, mesmo a especulação sobre a “grande balbúrdia” [*große Kladderadatsch*], sobre a revolução social, é tão somente uma característica externa e secundária. Essencial é a observação abstrata, anistórica da greve de massas, assim como de todas as condições em geral da luta proletária. Para o anarquista existem apenas dois pressupostos materiais para suas

⁴ Essa expressão tem origem no drama em cinco atos de Friedrich Schiller, *Die Räuber*, publicado como obra anônima em 1781, que trata de um conflito entre os dois irmãos da família Moor, duas personalidades frontalmente opostas. A peça foi traduzida para o português como *Os bandoleiros*. (N. T.)

especulações “revolucionárias”: primeiramente o espaço etéreo e, em seguida, a boa vontade e a coragem de salvar a humanidade do atual vale de lágrimas capitalista. Naquele céu azul, há já sessenta anos, o raciocínio implicou que a greve de massas seria o meio mais direto, seguro e simples, para realizar o salto para um além social melhor. No mesmo espaço etéreo, mais recentemente, a especulação entende que a luta sindical é a única “ação direta de massas” e, portanto, a única luta revolucionária – como se sabe, a mais recente mania dos “sindicatistas” [*Syndikatischen*] franceses e italianos. Para o anarquismo sempre foi fatal que os métodos de luta improvisados no espaço etéreo fossem meras utopias, que justamente por não contarem com a triste e desprezada realidade, acabavam frequentemente passando de especulações revolucionárias a auxiliares práticos da reação.

Porém, no mesmo terreno da observação abstrata e anistórica, encontram-se hoje aqueles que agora querem marcar a greve de massas na Alemanha num dia determinado no calendário, por uma decisão da direção do partido, bem como aqueles que, como os participantes do Congresso Sindical de Colônia, pretendem, ao proibir a “propagação”⁵, eliminar deste mundo o problema da greve de massas. As duas tendências partem da concepção comum, puramente anarquista, de que a greve de massas é um simples meio de luta técnico, que pode ser “decidido” ou “proibido” a bel-prazer, e com plena consciência, uma espécie de canivete, que se pode manter no bolso “para todos os casos” para, quando se quiser, abri-lo e utilizá-lo. Na verdade são justamente os adversários da greve de massas que reivindicam para si o mérito de levar em conta o terreno histórico e as condições materiais da situação atual na Alemanha, em oposição aos “românticos revolucionários” que flutuam no ar e que não querem contar com a dura realidade, com suas possibilidades e impossibilidades. “Fatos e números, fatos e números” exclamam como o sr. Gradgrind nos *Tempos difíceis*, de Dickens. O que os adversários sindicais da greve de massas entendem por “terreno histórico” e “condições materiais” são dois elementos: de um lado, a fraqueza do proletariado, de outro, a força do militarismo prussiano-alemão. As organizações de trabalhadores e os fundos de caixa insuficientes, bem como as imponentes baionetas prussianas, esses são os “fatos e números” em que os líderes sindicais baseiam sua prática política no caso em questão. Com efeito, os caixas sindicais assim como as baionetas prussianas são sem dúvida fenômenos bem materiais e bem históricos, só que a interpretação baseada neles não é o materialismo histórico, no sentido de Marx, mas um materialismo

⁵ No V Congresso dos Sindicatos Alemães, de 22 a 27 de maio de 1905, em Colônia, foi aprovada uma resolução segundo a qual até mesmo a discussão acerca da greve política de massas era condenada.

policial no sentido de Puttkamer⁶. Também os representantes do estado policial capitalista contam bastante, na verdade exclusivamente, com o poder de fato do proletariado organizado, assim como com o poder material das baionetas; do exemplo comparativo dessas duas fileiras de números sempre é extraída a conclusão tranquilizadora: o movimento operário revolucionário é criado por agitadores e provocadores isolados; *ergo*, temos nas prisões e nas baionetas um meio satisfatório para nos tornarmos senhores do “fenômeno passageiro” indesejado.

O operariado alemão consciente já há muito compreendeu o que há de humorístico na teoria policial, como se todo o moderno movimento operário fosse um produto artificial, arbitrário, de um bando de “agitadores e provocadores” sem escrúpulos. Mas aqui se expressa precisamente a mesma concepção de alguns nobres companheiros que formam colunas voluntárias de vigilantes noturnos, para alertar o operariado alemão contra o movimento perigoso de alguns “revolucionários românticos” com sua “propaganda da greve de massas”; ou quando, do outro lado, uma sentimental campanha de desarmamento é encenada por aqueles que creem ter sido ludibriados por acordos “confidenciais” entre a direção do partido e a Comissão Geral dos Sindicatos⁷ sobre o início da greve de massas na Alemanha. Se se dependesse da “propaganda” incendiária dos românticos revolucionários ou de resoluções confidenciais ou públicas das lideranças partidárias, não teríamos tido até agora na Rússia nenhuma greve de massas séria. Em nenhum país se pensava – como enfatizei em março de 1905 no *Sächsische Arbeiter-Zeitung*⁸ – tão pouco em “propagar” ou até mesmo “discutir” a greve de massas como na Rússia.

Os exemplos isolados de resoluções e acordos da direção do partidorusso, que deveriam realmente proclamar a greve de massas, como, por exemplo, a última tentativa em agosto deste ano após a dissolução da Duma⁹, fracassaram quase por completo. Se a Revolução Russa nos ensina algo, é, sobretudo, que a greve de massas não é “feita” artificialmente, não é “decidida” e nem “propagada” a

⁶ Robert von Puttkamer, ministro do interior prussiano de 1881 a 1888, havia expandido o estado policial de Bismarck. Em sua resolução sobre a greve ele exigia de todos os órgãos estatais uma ação intensificada contra os grevistas e convocava a polícia abertamente a exercer ações ilegais contra o movimento operário.

⁷ Numa reunião secreta entre a direção da social-democracia alemã e a Comissão Geral dos Sindicatos Alemães, em 16 de fevereiro de 1906, a direção do SPD entrou num acordo com os sindicatos, segundo o qual não deflagraria a greve política de massas sem sua concordância e, se possível, procuraria impedi-la. Mas se mesmo assim a greve fosse iniciada os sindicatos não precisariam aderir.

⁸ Ver Luxemburgo, Eine Probe aufs Exempel. In: *Gesammelte Werke*, v.1, segunda parte, p.528-32.

⁹ A primeira Duma imperial iniciou suas atividades em 27 de abril de 1906. Impulsionada pelo movimento revolucionário, a Duma precisou apresentar projetos para solucionar a questão agrária. Em 8 de julho de 1906, o governo tsarista dissolveu a Duma por causa da “extrapolação de suas atribuições constitucionais”.

partir do nada, mas é um fenômeno histórico que, num determinado momento, resulta, como uma necessidade histórica, da situação social.

Não é pela especulação abstrata, ou seja, pela possibilidade ou impossibilidade, pela utilidade ou nocividade da greve de massas, mas sim pela investigação dos fatores e das condições sociais de que surge a greve de massas na fase atual da luta de classes que o problema pode ser abordado e discutido; em outras palavras, não é pelo *julgamento subjetivo* da greve de massas do ponto de vista do que é desejável, mas apenas pelo *exame objetivo* das fontes da greve de massas, do ponto de vista da necessidade histórica, é que o problema pode ser abordado e discutido.

No espaço etéreo da análise lógica abstrata pode-se provar com a mesma força a impossibilidade absoluta da greve de massas e sua derrota garantida, bem como sua possibilidade completa e sua vitória indubitável. E, por isso, o valor da prova é o mesmo nos dois casos, a saber, nenhum. Portanto, o temor ante a “propagação” da greve de massas, que levou até mesmo a condenar formalmente os supostos culpados dessa atrocidade, é tão somente o produto de um quiproquó ridículo. É impossível “propagar” a greve de massas como meio abstrato de luta assim como é impossível propagar a “revolução”. A “revolução” e a “greve de massas” são conceitos que enquanto tais significam apenas a forma exterior da luta de classes, que só têm sentido e conteúdo em situações políticas bem determinadas.

Se alguém quisesse aventurar -se a fazer da greve de massas, entendida como ação proletária, objeto de agitação regular, a fim de divulgar essa “ideia” para pouco a pouco ganhar o operariado, isso seria um empreendimento tão ocioso, tão monótono e insípido, quanto se alguém quisesse fazer da ideia de revolução ou da luta de barricadas objeto de agitação especial. A greve de massas tornou -se, agora, o centro do interesse vivo do operariado alemão e internacional, pois é uma nova forma de luta e, como tal, o sintoma seguro de uma profunda guinada interna nas relações de classe e nas condições da luta de classes. Isso diz muito do saudável instinto revolucionário e da viva inteligência da massa proletária alemã, que ela – não obstante a resistência obstinada de seus líderes sindicais – se volte com tão ardente interesse para o novo problema. Mas esse interesse, essa nobre sede intelectual e essa necessidade de agir dos trabalhadores não podem ser tratados com uma ginástica cerebral abstrata acerca da possibilidade ou da impossibilidade da greve de massas; a isso se atende, explicando o desenvolvimento da Revolução Russa, o significado internacional dessa revolução, o acirramento dos conflitos de classe na Europa Ocidental, as novas perspectivas políticas da luta de classes na Alemanha, o papel e as tarefas da massa nas lutas vindouras. Apenas desse modo é que a discussão sobre a greve de massas levará à expansão do horizonte intelectual do proletariado, ao aguçamento de

sua consciência de classe, ao aprofundamento de seu modo de pensar e ao fortalecimento de sua força de ação.

Porém, desse ponto de vista, também aparece em todo o seu ridículo o processo penal realizado pelos adversários do “romantismo revolucionário”, pois estes ao tratarem do problema não teriam se atido rigorosamente à Resolução de Jena¹⁰.¹¹ Os “políticos pragmáticos” se contentam com essa resolução visto que associam a greve de massas sobretudo aos destinos do sufrágio universal, a partir do que acreditam poder concluir duas coisas: primeiro, que a greve de massas conservará um caráter puramente defensivo, segundo, que a própria greve de massas será submetida ao parlamentarismo, sendo transformada em mero apêndice do parlamentarismo. Nesse sentido, o verdadeiro núcleo da Resolução de Jena reside no seguinte: na atual situação da Alemanha, um atentado da reação vigente contra o direito de voto no Reichstag poderia muito provavelmente ser o prelúdio daquele período de lutas políticas inflamadas em que a greve de massas virá provavelmente a ser usada como meio de luta. No entanto, querer restringir e delimitar artificialmente, pelo conteúdo de uma resolução do Congresso do partido, o impacto social e o campo de ação histórico da greve de massas como fenômeno e problema da luta de classes, é um empreendimento que se equipara à visão estreita do Congresso Sindical de Colônia proibindo a discussão. Na resolução do Congresso de Jena a social-democracia alemã deu a conhecer oficialmente a guinada profunda nas condições internacionais da luta de classes proletária levada a cabo pela Revolução Russa, e declarou sua capacidade de desenvolvimento revolucionário e de adaptação às novas reivindicações da fase vindoura das lutas de classe. Nisso reside o significado da Resolução de Jena. Quanto ao emprego prático da greve de massas na Alemanha, a história é que decidirá, como decidiu na Rússia; a história, na qual a social-democracia com as suas resoluções é, de fato, um fator importante, mas apenas *um* fator entre muitos.

III

A greve de massas aparece frequentemente na atual discussão na Alemanha como um fenômeno singular pensado de forma clara e fácil, simplificado em excesso. Fala-se exclusivamente da greve política de massas. Com isso se pensa em um único e grandioso levante do proletariado industrial,

¹⁰ A resolução aprovada no Congresso da social-democracia em Jena, de 17 a 23 de setembro de 1905, caracteriza o emprego generalizado da interrupção em massa do trabalho como um dos meios de luta mais eficazes da classe trabalhadora, limitando, no entanto, o emprego da greve política de massas à defesa do direito de voto para o Reichstag e do direito de coligação.

que seria empreendido numa ocasião política de grande alcance e com base num entendimento mútuo e providencial entre as instâncias partidárias e sindicais, e que é realizado na mais perfeita ordem e com espírito de disciplina e interrompido numa ordem ainda mais perfeita, sob a palavra de ordem precisa das instâncias dirigentes, em que o controle dos apoios, dos custos, das vítimas, em suma, todo o balanço material da greve de massas, é exatamente determinado de antemão.

Ora, se compararmos esse esquema teórico com a verdadeira greve de massas, como há cinco anos ocorre na Rússia, precisamos dizer que quase nenhuma das muitas greves de massa realizadas corresponde à representação que se encontra no centro da discussão alemã e que, por outro lado, as greves de massa na Rússia apresentam uma tamanha variedade de formatos, que seria impossível falar “da” greve de massas, de uma greve de massas abstrata, esquemática. Todos os elementos da greve de massas, bem como o seu caráter, não apenas são diferentes em diferentes cidades e regiões do império, mas, sobretudo, o seu caráter geral se modificou repetidas vezes no decorrer da revolução. As greves de massas na Rússia passaram por uma determinada história e continuam a passar. Quem portanto fala da greve de massas na Rússia, precisa olhar sobretudo para a sua história. O período atual, por assim dizer, oficial, da Revolução Russa, é datado, com bons motivos, a partir do levante do proletariado de São Petersburgo em 22 de janeiro de 1905, daquela marcha de 200 mil trabalhadores diante do palácio do tsar, que terminou com um terrível banho de sangue. O massacre sangrento em São Petersburgo foi, sabidamente, o sinal para o início da primeira grande série de greves de massas, que se alastrou por toda a Rússia em poucos dias e levou o grito da revolução de São Petersburgo a todos os cantos do império e a parcelas maiores do proletariado. Mas o levante de São Petersburgo, em 22 de janeiro, foi apenas o ponto culminante de uma greve de massas, que havia sido iniciada pelo proletariado da capital tsarista em janeiro de 1905. Essa greve de massas de janeiro em São Petersburgo ocorreu, sem dúvida, sob o impacto imediato daquela enorme greve geral, que havia sido deflagrada no Cáucaso, em Baku, em dezembro de 1904, e que por algum tempo manteve o fôlego na Rússia. Os acontecimentos de dezembro em Baku, por sua vez, nada mais foram do que um rescaldo final e forte daquela enorme greve de massas, que abalou todo o sul da Rússia nos anos de 1903 e 1904, como um terremoto periódico, e cujo prólogo foi a greve de massas em Batum (no Cáucaso) em março de 1902. Esse primeiro movimento de greve de massas na esteira das atuais erupções revolucionárias está, finalmente, distante apenas quatro ou cinco anos da grande greve geral dos trabalhadores têxteis de São Petersburgo, em 1896 ou 1897; embora esse movimento pareça

externamente separado da atual revolução por anos de paralisia aparente e de persistência da reação, todo aquele que conhecer o desenvolvimento político interno do proletariado russo até o estágio atual de sua consciência de classe e de sua energia revolucionária iniciará a história do atual período das greves de massas com aquelas greves gerais de São Petersburgo. Elas são importantes para o problema da greve de massas, pois já contêm em germe todos os elementos principais da greve de massas posterior.

Inicialmente a greve geral de São Petersburgo do ano de 1896 aparece como uma luta salarial parcial puramente econômica. Suas causas foram as condições de trabalho insustentáveis dos fiadores e tecelões de São Petersburgo: uma jornada de trabalho de treze, quatorze, quinze horas, salários por empreitada irrisórios e toda uma lista de tramoias desrespeitosas da parte dos empresários. Essa situação por si só foi sustentada pacientemente durante muito tempo pelos trabalhadores têxteis, até que uma circunstância aparentemente pequena foi a gota d'água. No ano de 1896, em maio, foi realizada a coroação do atual tsar Nicolau II, que havia sido adiada dois anos por medo de revoluções, e nessa ocasião os empresários de São Petersburgo externaram seu fervor patriótico ao impor três dias de férias obrigatórias aos seus trabalhadores, sendo que, estranhamente, não pagaram os salários desses dias. Os trabalhadores têxteis afetados por isso se movimentaram. Depois de uma reunião com cerca de trezentos trabalhadores mais esclarecidos¹¹ no jardim de Ekaterinev foi decidida a greve e foram formuladas as reivindicações: 1º pagamento dos salários referentes aos dias da coroação; 2º jornada de trabalho de dez horas e meia; 3º aumento do salário por empreitada. Isso aconteceu em 24 de maio. Após uma semana, *todas* as companhias têxteis e tecelagens estavam paralisadas, e 40 mil trabalhadores encontravam-se em greve geral. Hoje esse acontecimento, medido pelas enormes greves de massas da revolução, pode parecer algo irrelevante. Na imobilidade política da Rússia *daquela época* uma greve geral era algo inusitado, era uma revolução em miniatura. Evidentemente tiveram início as perseguições mais brutais: cerca de mil trabalhadores foram presos e enviados de volta para casa, e a greve geral foi reprimida. Já vemos aqui todos os traços fundamentais da greve de massas posterior. O motivo que levou ao movimento foi completamente casual, e mesmo acessório, e sua deflagração foi algo elementar; mas na constituição do movimento mostraram-se os frutos de muitos anos de agitação da social-democracia, e no transcorrer da greve geral agitadores social-democratas encontravam-se à frente do movimento, lideravam-na e

¹¹ 1ª edição: trezentos dentre os trabalhadores mais esclarecidos.

utilizavam-na para a contínua agitação revolucionária. Além disso, a greve era externamente apenas uma mera luta econômica salarial; apenas o posicionamento do governo, bem como a agitação da social -democracia, fizeram dela um fenômeno político de primeira linha. E finalmente: a greve foi reprimida, os trabalhadores sofreram uma “derrota”. Mas já em janeiro do ano seguinte, 1897, os trabalhadores têxteis de São Petersburgo voltaram a repetir a greve geral e, dessa vez, alcançaram um sucesso excepcional: a introdução legal da jornada de trabalho de onze horas e meia em toda a Rússia. No entanto houve um resultado muito mais importante: desde aquela primeira greve geral do ano de 1896, empreendida sem qualquer organização ou fundos de greve, começou na Rússia propriamente dita uma luta sindical intensa, que logo se disseminou pelo restante do país e abriu perspectivas completamente novas de agitação e de organização à social-democracia, para então na aparente calmaria sepulcral do período seguinte preparar a revolução proletária por meio de um invisível trabalho de toupeira.

A deflagração da greve caucasiana em março de 1902 também foi aparentemente casual e originada de elementos puramente econômicos, parciais, ainda que completamente diferentes daqueles de 1896. Ela está ligada à grave crise industrial e comercial que, na Rússia, foi precursora da guerra com o Japão e, com ela, o mais potente fator de ebulição revolucionária que se iniciava. A crise originou um enorme desemprego, que alimentou a agitação da massa proletária, e levou o governo, para acalmar a classe trabalhadora, a transportar as “mãos supérfluas” para seus países de origem. Uma medida dessas, que deveria atingir aproximadamente quatrocentos petroleiros, desencadeou um protesto de massas em Batum, que levou a manifestações, prisões, um massacre e, finalmente, um processo político, no qual a questão puramente econômica e parcial se tornou um fenômeno político e revolucionário. O eco da greve de Batum, que teria ocorrido completamente “sem resultado” e sido derrotada, consistiu numa série de manifestações revolucionárias de massa dos trabalhadores em Nijni Novgorod, em Saratov e noutras cidades, ou seja, num forte avanço para a onda geral do movimento revolucionário.

Já em novembro de 1902 aparece a primeira ressonância verdadeiramente revolucionária na forma de uma greve geral em *Rostov* junto ao Don. O pontapé para esse movimento foi dado por diferenças salariais nas oficinas da ferrovia em Vladicáucaso. A administração queria diminuir os salários, em seguida o Comitê Social -Democrata do Don publicou um apelo convocando a greve pelas seguintes reivindicações: jornada de trabalho de nove horas, aumento de salários, supressão dos castigos, demissão de engenheiros malquistos etc. Todas as oficinas ferroviárias entraram em greve. Elas logo foram seguidas por outras profissões, e em Rostov repentinamente dominava uma situação sem

precedentes: todo trabalho empresarial é suspenso, todos os dias são realizados encontros gigantescos com 15 mil a 20 mil trabalhadores ao ar livre, algumas vezes cercados por um cordão de cossacos; pela primeira vez os oradores social -democratas atuam abertamente, fazendo discursos inflamados sobre o socialismo e a liberdade política que são recebidos com enorme euforia, apelos revolucionários são disseminados em centenas de milhares de exemplares. Em plena Rússia absolutista e rígida, o proletariado de Rostov conquista, pela primeira vez, na tempestade, o direito à reunião e a liberdade de expressão. Claro que também aqui as coisas não transcorrem sem massacre. A insatisfação decorrente das diferenças salariais nas oficinas ferroviárias de Vladicáucaso cresceram, em poucos dias, para uma greve política geral e para uma batalha de rua revolucionária. Em ressonância ocorreu de imediato mais uma greve geral na estação Tichorezk na mesma linha de trem. Também aqui houve um massacre, depois um processo, e Tichorezk inseriu -se igualmente como um episódio na cadeia ininterrupta dos momentos revolucionários.

A primavera de 1903 dá a resposta às greves derrotadas em Rostov e Tichorezk: em maio, junho e julho, todo o sul da Rússia encontra-se em chamas. *Baku, Tiflis, Batum, Elisabethgrad, Odessa, Kiev, Nikolaiev, Ekaterinoslav* encontram -se em greve geral no sentido literal do termo. Mas também aqui o movimento não nasce de acordo com algum plano pré -concebido por um centro, mas f lui em conjunto de pontos isolados, em cada lugar por motivos diferentes e de diversas formas. O início dá-se em *Baku*, onde diversas lutas salariais parciais de fábricas e setores isolados desembocam em uma greve geral. Em *Tiflis*, 2 mil empregados comerciais cujo tempo de trabalho ia das 6 horas da manhã às 11 horas da noite dão início à greve; todos eles deixam suas lojas às 8 horas da noite do dia 4 de julho e fazem uma passeata pela cidade, obrigando os proprietários das lojas a fechá-las. A vitória é completa: os empregados comerciais conquistam uma jornada das 8 às 8; a eles logo se juntam todas as fábricas, oficinas e escritórios. Os jornais não são publicados, o trânsito de bondes apenas ocorre sob a proteção dos militares. – Em *Elisabethgrad*, em 10 de julho, a greve se inicia em todas as fábricas com reivindicações puramente econômicas. Elas são concedidas em sua maioria, e no dia 14 de julho a greve é interrompida. Apenas duas semanas depois ela volta a eclodir; dessa vez, os padeiros lançam a palavra de ordem, a eles se seguem os mineradores, os pintores, os trabalhadores dos moinhos e por fim, novamente, todos os trabalhadores fabris. – Em *Odessa* o movimento tem

início com uma luta salarial, em que foi envolvida a associação operária “legal”¹² criada pelos agentes governamentais de acordo com o programa do famoso gendarme *Zubatov*. A dialética histórica mais uma vez aproveitou a oportunidade para pregar uma de suas belas e malignas peças: as lutas econômicas do período anterior – entre elas a grande greve geral de São Petersburgo de 1896 – levaram a social –democracia russa à exacerbação do assim chamado “economicismo”, preparando assim o terreno, no operariado, para a ação demagógica de *Zubatov*. Após algum tempo, porém, a grande correnteza revolucionária virou o barco de bandeira errada e obrigou –o navegar justamente na ponta da frota proletária revolucionária. Na primavera de 1904, as associações de *Zubatov* deram a palavra de ordem para a grande greve geral de Odessa, bem como, em janeiro de 1905, para a greve geral de São Petersburgo. Os trabalhadores de Odessa, iludidos quanto à bondade sincera do governo perante os trabalhadores e sua simpatia pela pura luta econômica, de repente queriam fazer um teste e obrigaram a “associação operária” de *Zubatov* a declarar greve em uma fábrica por algumas modestas reivindicações. Eles simplesmente foram postos na rua pelo empresário e, quando exigiram, junto ao líder de sua associação, a proteção legal prometida, aquele senhor sumiu e deixou os trabalhadores em raivosa turbulência. Logo os social-democratas se colocaram no comando e o movimento grevista passou para outras fábricas. Em 1º de julho, 2,5 mil trabalhadores ferroviários encontram –se em greve, em 4 de julho os trabalhadores portuários entram em greve por um aumento dos salários de 80 copeques para 2 rublos e diminuição de meia hora da jornada de trabalho. Em 6 de julho, por fim, os marinheiros se juntam ao movimento. Em 13 de julho começa a paralisação do pessoal dos bondes. Então ocorre uma assembleia com a grande maioria dos grevistas, 7 mil a 8 mil pessoas; forma –se uma corrente, que vai de fábrica em fábrica e, crescendo como uma avalanche, chega ao porto uma multidão de 40 mil a 50 mil pessoas, para então paralisar todo trabalho. Logo a greve geral dominava toda a cidade. – Em *Kiev* tem início, em 21 de julho, uma paralisação nas oficinas ferroviárias. Também aqui o principal motivo são as condições miseráveis de trabalho e são apresentadas reivindicações salariais. No dia seguinte as fundições seguiram o exemplo. Em 23 de julho ocorre um incidente que dá o sinal para a greve geral. Durante a noite dois delegados dos trabalhadores ferroviários foram presos; os grevistas exigem sua libertação imediata e, quando isso

¹² Por iniciativa do comandante da gendarmaria S. W. *Zubatov*, o governo czarista tentou de 1901 a 1903, afastar os trabalhadores da luta revolucionária ao criar organizações legais de trabalhadores, controladas pela polícia.

não se efetiva, eles decidem não deixar os trens saírem da cidade. Na estação, todos os grevistas, com as mulheres e os filhos, sentam-se nos trilhos – um mar de cabeças humanas. São ameaçados com salvas de espingarda. Os trabalhadores descobrem o peito e gritam: “Atirem!” Uma salva é dirigida contra a multidão sentada e indefesa, de trinta a quarenta cadáveres ali ficam, entre eles mulheres e crianças. Ao tomar conhecimento disso, toda Kiev entra em greve ainda no mesmo dia. Os corpos dos assassinados são erguidos pela multidão e carregados de um lado para outro num cortejo maciço. Assembleias, discursos, prisões, lutas de rua isoladas – Kiev encontra -se plena revolução. O movimento logo termina; mas, com isso, os tipógrafos haviam ganhado uma diminuição de uma hora na jornada de trabalho e um aumento salarial de um rublo; em uma fábrica de levedura foi introduzida a jornada de trabalho de oito horas; as oficinas ferroviárias foram fechadas após decisão do ministério; outros setores continuaram greves parciais pelas suas reivindicações. – Em *Nikolaiev* a greve geral é deflagrada sob a pressão imediata das notícias de Odessa, Baku, Batum e Tiflis, apesar da resistência do comitê social -democrata, que queria postergar a deflagração do movimento até o ponto em que os militares tivessem de deixar a cidade para manobras. A massa não se deixou conter; uma fábrica foi o começo, os grevistas iam de uma oficina à outra, a resistência dos militares apenas jogou óleo no fogo. Logo se constituíram passeatas com multidões e cantos revolucionários, que levaram consigo todos os trabalhadores, empregados, oficiais dos bondes, homens e mulheres. A interrupção do trabalho era completa. – Em *Ekaterinov*, em 5 de agosto, os padeiros iniciam a greve, seguidos pelos trabalhadores das oficinas ferroviárias no dia 7, logo em seguida todas as outras fábricas; em 8 de agosto os bondes param, os jornais deixam de ser publicados – Assim é que ocorreu a grandiosa greve geral do sul da Rússia no verão de 1903. Através de muitos pequenos canais de lutas econômicas parciais e de pequenos acontecimentos “casuais” ela rapidamente formou um mar enorme e durante algumas semanas transformou todo o sul do império tsarista em uma bizarra e revolucionária república de trabalhadores.

Abraços fraternos, gritos de êxtase e entusiasmo, canções de libertação, risos alegres, humor e alegria eram ouvidos de manhã à noite na multidão de milhares de pessoas que varria a cidade. O ambiente era de entusiasmo; quase se podia acreditar que uma vida nova, melhor, começava na terra. Uma imagem profunda e, ao mesmo tempo, comovente e idílica.

Assim escrevia à época o correspondente do liberal *Osvobodnei*¹³ do senhor Peter v. Struve.

¹³ O jornal *Osvobodnei*, sob a direção de P.B. Struve, foi publicado como órgão ilegal de tendência liberal -burguesa em Stuttgart, de 1902 a 1905. Em torno dele se agrupava a burguesia liberal -monarquista russa.

O ano de 1904 trouxe consigo, logo ao início, a guerra, e durante algum tempo uma pausa no movimento de greve de massas. Primeiramente uma onda turva de manifestações “patrióticas” organizadas pela polícia se espalhou pelo país. A sociedade “liberal” burguesa, por ora, foi completamente jogada por terra pelo chauvinismo oficial tsarista. Mas a social -democracia logo retoma o campo de batalha; às demonstrações policiais do lumpenproletariado patriótico são contrapostas manifestações revolucionárias dos trabalhadores. Finalmente as vergonhosas derrotas do exército tsarista também arrancam a sociedade burguesa de sua anestesia; tem início a era dos congressos, banquetes, discursos, falas e manifestos liberais e democráticos. O absolutismo, momentaneamente sufocado pela humilhação da guerra, deixa, por distração, espaço para esses senhores agirem, o que já lhes dá visões do céu repleto de violinos liberais. Durante seis meses, o liberalismo burguês se apossa do palco político, e o proletariado fica na sombra.

Somente após uma longa depressão é que o absolutismo se recupera, a camarilha junta forças, e com uma única e poderosa sapatada da bota cossaca em dezembro toda a ação liberal é enxotada para o seu ninho de ratos. Os banquetes, discursos e congressos são simplesmente proibidos como uma “provocação insolente”, e o liberalismo de repente acha-se no fim do seu latim. Mas justamente ali, onde estava o fim da linha para o liberalismo, começava a ação do proletariado. Em dezembro de 1904, em *Baku*, eclode a grandiosa greve geral contra o desemprego: a classe trabalhadora volta ao campo de batalha. Quando a palavra foi proibida e emudeceu, recomeçou a ação. Durante algumas semanas, em Baku, em plena greve geral, a social -democracia foi a dona incontroversa da situação, e os acontecimentos inesperados em dezembro no Cáucaso teriam provocado enorme atenção, caso não tivessem sido tão rapidamente suplantados pelas ondas crescentes da revolução. As notícias incertas e extraordinárias da greve geral em Baku ainda não haviam alcançado todo o império tsarista quando, em janeiro de 1905, eclodiu uma greve de massas em São Petersburgo. Também aqui o motivo foi, sabidamente, insignificante. Dois trabalhadores das fábricas Putilov foram demitidos por serem parte da associação legal Zubatov. Essa decisão provocou, em 16 de janeiro, uma greve de solidariedade de 12 mil trabalhadores dessas fábricas. Os social-democratas começaram, por ocasião da greve, uma agitação ativa pela expansão das reivindicações e fizeram valer a reivindicação da jornada de trabalho de oito horas, do direito de coligação, da liberdade de expressão e de imprensa etc. A efervescência entre os trabalhadores de Putilov logo foi transmitida ao restante do proletariado, e em poucos dias 140 mil trabalhadores estavam em greve. Reuniões conjuntas e discussões acaloradas

levaram à formulação da carta proletária das liberdades civis encabeçada pela jornada de trabalho de oito horas, com a qual, em 22 de janeiro, 200 mil trabalhadores liderados pelo padre Gapon¹⁴ desfilaram diante do palácio do tsar. O conflito dos dois trabalhadores Putilov afetados pela medida transformou-se, no decorrer de uma semana, no prólogo da mais poderosa revolução dos tempos modernos. Os acontecimentos que se seguiram são conhecidos: o banho de sangue de São Petersburgo deu origem a enormes greves de massas e greves gerais em muitos centros industriais e cidades da Rússia, Polônia, Lituânia, das províncias bálticas, do Cáucaso, da Sibéria, de norte a sul, de leste a oeste. Mas observando mais detidamente vemos que as greves de massas assumem agora formas diferentes daquelas de períodos anteriores. Dessa vez eram as organizações social-democratas que por todo lado tomavam a dianteira; a greve geral era apresentada enfaticamente por todo lado tendo como motivação e objetivo a solidariedade revolucionária para com o proletariado de São Petersburgo; ao mesmo tempo ocorriam, por todo lado, manifestações, discursos e embates contra os militares. Mas também aqui não se falava de um plano previamente traçado, de uma ação organizada, pois os chamados dos partidos mal eram capazes de acompanhar os levantes espontâneos da massa; os líderes mal tinham tempo de formular as palavras de ordem da multidão proletária que avançava. Além disso, as greves de massas e gerais anteriores se originavam de lutas salariais isoladas que iam ao encontro umas das outras, que na atmosfera geral da situação revolucionária e sob pressão da agitação social-democrata rapidamente se transformavam em manifestações políticas; o elemento econômico e a fragmentação sindical eram o ponto de partida, a ação de classe unificada e a liderança política, o resultado. Agora o movimento é inverso. As greves gerais de janeiro e fevereiro irromperam inicialmente como uma ação revolucionária unificada sob a direção da social-democracia; mas essa ação logo se decompôs numa série de greves econômicas locais e parciais em regiões, cidades, setores e fábricas isolados. Ao longo de toda primavera de 1905, até o pleno verão, no gigantesco império fermentava uma incansável luta econômica de quase todo o proletariado contra o capital, uma luta que alcançou, até em cima, todas as profissões pequeno-burguesas e liberais: empregados do comércio, servidores bancários, técnicos, atores, profissões artísticas, e, até embaixo, os empregados domésticos, os servidores subalternos da polícia, até chegar à camada do lumpenproletariado e, saindo simultaneamente da cidade e disseminando-se pelo campo, batendo até mesmo nos portões de ferro das casernas militares. Essa é a imagem enorme e multicolorida da contenda geral do trabalho contra o capital, que espelha toda a variedade da estrutura social e

¹⁴ G. A. Gapon criou em São Petersburgo, entre 1903 e 1904, a mando e sob proteção da polícia, “organizações operárias” para manter os trabalhadores distantes do movimento social-democrata. Foi o iniciador da manifestação de São Petersburgo, em 22 de janeiro de 1905.

da consciência política de cada camada e de cada local, atravessando toda a longa escala da luta sindical direta, desde uma experimentada tropa de elite do proletariado da grande indústria, passando pela amorfa eclosão do protesto de um bando de proletários rurais, até a obscura movimentação de uma agitada guarnição de soldados, desde a revolta educada e elegante, em abotoaduras e colarinhos na repartição de um banco, até a reclamação {confusa} de uma rude assembleia de policiais insatisfeitos no interior de um posto policial escuro, sujo e enfumaçado.

Segundo a teoria dos amantes das lutas “ordenadas e bem disciplinadas” concebidas de acordo com planos e esquemas, em especial daqueles que de longe sempre querem saber melhor como “deveria ter sido feito”, o desmantelamento da grande ação da greve geral política de janeiro de 1905 em um sem-número de lutas econômicas foi, provavelmente, “um grande erro”, que “paralisou” aquela ação, transformando -a num “fogo de palha”. Também a social -democracia russa, que participou da revolução, mas não a “fez”, também ela teve que aprender suas leis enquanto a revolução se desenvolvia, ficando por algum tempo desorientada, num primeiro momento, com o refluxo aparentemente infrutífero da primeira maré cheia da greve geral. Contudo, a história, que cometeu aquele “grande erro”, realizava assim um gigantesco trabalho revolucionário, tão inevitável quanto incalculável em suas consequências, indiferente ao raciocínio de seus mestres-escola incompetentes. O repentino levante geral do proletariado em janeiro, sob o impulso considerável dos acontecimentos de São Petersburgo, foi externamente um ato político de declaração de guerra revolucionária ao absolutismo. Mas essa primeira ação de classes direta teve um efeito interno ainda maior ao despertar, pela primeira vez, como um choque elétrico, o sentimento de classe e a consciência de classe de milhões e milhões. E esse despertar do sentimento de classe expressou-se imediatamente da seguinte maneira: uma massa de milhões de proletários chega de súbito, de maneira viva e incisiva, à consciência da insustentabilidade daquela existência social e econômica que havia suportado pacientemente durante décadas de acorrentamento capitalista. Começa então um movimento espontâneo geral para sacudir e quebrar esses grilhões. Os mil sofrimentos do proletariado moderno lembram essas feridas antigas e sangrentas. Aqui se luta pela jornada de trabalho de oito horas, ali contra o trabalho eventual, aqui mestres brutais são “levados para fora” num saco em carrinhos de mão; alhures se luta contra sistemas penais infames; em todo lugar por melhores salários e, aqui e ali, pelo fim do trabalho doméstico. Profissões anacrônicas e degradantes nas grandes cidades, as pequenas cidades provincianas cochilando até então num sono idílico, o vilarejo com sua herança servil – tudo isso é bruscamente despertado pelo relâmpago de janeiro, toma consciência de seus direitos e procura passionadamente recuperar o que fora perdido. Na verdade a luta econômica aqui

não constituía uma fragmentação, uma dispersão da ação, mas apenas uma mudança de frente; a primeira batalha geral contra o absolutismo transforma -se repentina e naturalmente num ajuste de contas geral com o capital, que, de acordo com o seu caráter, assumiu *a forma* de lutas salariais fragmentadas e isoladas. A ação política de classes não foi interrompida em janeiro pela decomposição da greve geral em greves econômicas, mas antes o inverso; uma vez esgotado o conteúdo possível da ação política naquela dada situação e naquele dado estágio da revolução, ela decompôs-se ou, melhor, transformou -se em ação econômica. De fato, que mais podia obter a greve geral de janeiro? Somente uma total falta de reflexão poderia aguardar uma destruição do absolutismo com um só golpe, mediante uma única e “duradoura” greve geral segundo o esquema anarquista. O absolutismo na Rússia precisa ser derrubado pelo proletariado. Mas, para isso, o proletariado precisa de um alto grau de educação política, de consciência de classe e de organização. Todas essas condições não podem ser adquiridas em brochuras e panfletos, mas apenas na escola política viva, na luta e pela luta, no andamento progressivo da revolução. Além disso, o absolutismo não pode ser derrubado a qualquer momento, como se bastasse apenas “esforço” ou “perseverança”. O declínio do absolutismo é apenas a expressão externa do desenvolvimento social interno e do desenvolvimento das classes da sociedade russa. Antes que o absolutismo seja derrubado, e para que ele possa ser derrubado, a futura Rússia burguesa precisa ser formada internamente, produzida em sua divisão de classes moderna. Disso faz parte a limitação das diferentes camadas e interesses sociais, a formação não apenas do partido proletário revolucionário, mas igualmente dos partidos liberal, radical, pequeno -burguês, conservador e reacionário, disso faz parte a autoconsciência, o autoconhecimento e a consciência de classe não apenas das camadas populares, mas também das camadas burguesas. Mas também essas só podem formar -se, amadurecer e florescer na luta, no próprio processo da revolução, na escola viva dos acontecimentos, no embate com o proletariado bem como entre si, em um atrito mútuo contínuo. Essa divisão de classes e maturação de classes da sociedade burguesa, bem como sua ação na luta contra o absolutismo, é, de um lado, minada e dificultada, e, de outro, estimulada e acelerada pelo singular papel de liderança do proletariado e de sua ação classista. As diferentes correntes subterrâneas do processo social da revolução cruzam -se mutuamente, bloqueiam -se mutuamente, aumentam as contradições internas da revolução e, como resultado, apenas aceleram e potencializam suas poderosas irrupções. Assim o problema aparentemente tão simples e evidente, puramente mecânico – a derrubada do absolutismo – exige um grande e longo processo social, uma escavação total do terreno social, o inferior precisa subir, o superior ser virado para baixo, a “ordem” aparente precisa ser recriada a partir do aparente caos “anarquista”. E agora, nesse processo de remanejamento social da antiga Rússia, não apenas o raio

de janeiro da primeira greve geral desempenhou um papel insubstituível, mas ainda mais a grande tempestade da primavera e do verão da luta econômica que se seguiu. A feroz contenda geral do trabalho assalariado com o capital contribuiu em igual medida para a separação das diferentes camadas populares bem como das camadas burguesas, para a consciência de classe do proletariado revolucionário e também da burguesia liberal e conservadora. E como as lutas salariais urbanas contribuíram para a formação do forte partido monárquico dos industriais de Moscou¹⁵, assim as chamadas do enorme levante camponês na Livônia levou à rápida liquidação do famoso liberalismo aristocrático e agrário dos zemstvos.

Ao mesmo tempo, porém, o período das lutas econômicas na primavera e no verão de 1905 concedeu ao proletariado urbano, na forma de uma contínua agitação e liderança social-democrata, a possibilidade de se apropriar posteriormente da soma das lições do prólogo de janeiro e de esclarecer a si próprio as outras tarefas da revolução. Em conexão com isso, também, ainda se encontra um outro resultado de caráter social duradouro: *uma elevação geral do nível de vida do proletariado*, do ponto de vista econômico, social e intelectual. As greves da primavera do ano de 1905 foram quase todas vitoriosas. Como uma amostra desse enorme material empírico, trazemos aqui apenas alguns dados sobre algumas das mais importantes greves lideradas pela social-democracia polonesa e lituana em Varsóvia. Nas maiores fábricas do *setor metalúrgico* de Varsóvia: AG Lilpop, Rau & Löwenstein, Rudzki & Co., Bormann, Schwede & Co., Handtke, Gerlach & Pulst, Gebrüder Geisler, Eberhard, Wolski & Co., AG Konrad & Jarmuszkiewicz, Weber & Daehn, Gwizdzinski & Co., Drahtfabrik Wolanowski, AG Gostynski & Co., K. Brun & Sohn, Fraget, Norblin, Werner, Buch, Gebrüder Kenneberg, Labor, Lampenfabrik Dittmar, Serkowski, Weszycki, ao todo 22 fábricas, e logo após uma greve de quatro a cinco semanas (desde 25, 26 de janeiro) os trabalhadores conquistaram a jornada de trabalho de nove horas, um aumento salarial de 15% a 25% e diversas reivindicações menores. Nas maiores oficinas do *setor madeireiro* de Varsóvia, a saber, em Karmanski, Damiecki, Gromel, Szerbinski, Treuerowski, Horn, Bevensee, Tworkowski, Daab & Martens, ao todo 10 oficinas, já em 23 de fevereiro os grevistas conquistaram a jornada de trabalho de nove horas; mas eles não se contentaram e insistiram na jornada de oito horas, que foi alcançada após mais uma semana, juntamente com um aumento salarial. Todo o *setor dos pedreiros* iniciou a greve em 27 de fevereiro, e, de acordo com a palavra de ordem da social-democracia, exigia a jornada de trabalho de oito horas e,

¹⁵ O Partido do Comércio e da Indústria, ligado ao grande capital, foi fundado em 1905 após a publicação do Manifesto de Outubro e desfeito no final de 1906.

em 11 de março, conquistou a jornada de nove horas, um aumento salarial para todas as categorias, pagamento regular semanal do salário etc. Os *pintores, carpinteiros, seleiros e ferreiros* conquistaram juntamente a jornada de trabalho de oito horas sem redução salarial. As oficinas *telefônicas* fizeram greve durante dez dias e conquistaram a jornada de trabalho de oito horas e um aumento salarial de 10% a 15%. A grande *tecelagem* Hiele & Dietrich (10 mil trabalhadores) conquistou, após nove semanas de greve, a redução em uma hora de seu tempo de trabalho e uma melhoria salarial de 5% a 10%. E vemos o mesmo resultado em infinitas variações nos setores restantes da Varsóvia, em Łódź, em Sosnowiec. Na Rússia propriamente dita foi conquistada a *jornada de trabalho de oito horas*: em dezembro de 1904 por algumas categorias de petroleiros em Baku, em maio de 1905 pelos trabalhadores açucareiros do distrito de Kiev, em janeiro de 1905 em um grande número de gráficas da cidade de Samara (onde, ao mesmo tempo, foi alcançada uma elevação dos salários por empreitada e o fim das multas), em fevereiro na fábrica de instrumentos medicinais de guerra, em uma marcenaria e em uma fábrica de munição em São Petersburgo. Além disso, um turno de oito horas foi introduzido nas minas de Vladivostok, em março na oficina mecânica estatal de papéis da dívida pública, em abril junto aos ferreiros da cidade de Bobruisk, em maio junto aos empregados do bonde elétrico em Tiflis; igualmente em maio a jornada de trabalho de oito horas e meia foi introduzida na enorme tecelagem de algodão de Morosov (com o fim simultâneo do trabalho noturno e aumento dos salários em 8%); em junho a jornada de trabalho de oito horas em alguns lagares de azeite em São Petersburgo e Moscou; em julho oito horas e meia para os ferreiros do porto de São Petersburgo; em novembro em grande parte das gráficas particulares da cidade de Orel (com aumento simultâneo do salário por tempo de trabalho em 20% e dos salários por empreitada em 100%, bem como a introdução de um órgão de conciliação paritário).

A *jornada de trabalho de nove horas* foi instituída em grande parte das oficinas ferroviárias (em fevereiro), em muitas oficinas militares e da marinha, na maioria das fábricas da cidade de Berdiansk, em grande parte das gráficas da cidade de Poltava e de Minsk; em junho, a jornada de nove horas e meia no estaleiro, na oficina mecânica e na fundição da cidade de Nikolaiev; após uma greve geral dos garçons em Varsóvia, em muitos restaurantes e cafés (com simultâneo aumento salarial de 20% a 40% e férias quinquenais anuais). A *jornada de trabalho de dez horas* foi instituída na maior parte das fábricas das cidades de Łódź, Sosnowiec, Riga, Kovno, Reval, Dorpat, Minsk, Kharkov, nas padarias de Odessa, nas marcenarias de Kichinev, em algumas fábricas de chapéus em São Petersburgo, nas fábricas de fósforos em Kovno (com simultâneo aumento salarial de 10%), em grande parte das oficinas estatais da marinha e para a grande maioria dos estivadores.

Os aumentos salariais são, de modo geral, inferiores à redução do tempo de trabalho, mas pelo menos significativos; assim, em maio de 1905, em Varsóvia, a secretaria municipal das indústrias determinou um aumento salarial geral de 15%; no centro da indústria têxtil em Ivanovo - Vosnessensk os aumentos salariais atingiram de 7% a 15%; em Kovno quase 73% dos trabalhadores foram atingidos pelo aumento salarial. Um *salário mínimo* fixo foi introduzido: em parte das padarias de Odessa, no estaleiro do Neva em São Petersburgo etc. É verdade que essas concessões foram retiradas aqui e ali. Mas isso apenas ocasionou novas lutas revanchistas ainda mais fervorosas, e assim o período grevista da primavera de 1905 tornou -se ele próprio o prólogo de uma série infinita de lutas econômicas, que se disseminam cada vez mais e se entrelaçam, durando até os dias de hoje. Nos períodos de quietude aparente da revolução, em que os telegramas não traziam ao mundo notícias do campo de batalha russo, e quando o leitor europeu -ocidental, decepcionado, deixava seu jornal de lado, com a observação de que “nada acontecera” na Rússia, na verdade o grande trabalho de toupeira da revolução continua de maneira incansável, dia a dia e hora a hora, na imensidão de todo o império. A intensiva e ininterrupta luta econômica impõe, através de métodos rapidamente simplificados, a passagem do capitalismo do estágio da acumulação primitiva, do roubo patriarcal para um estágio altamente moderno, civilizado. Hoje a real jornada de trabalho na indústria russa deixa para trás não apenas a legislação russa de fábrica, isto é, a jornada diária legalmente regulamentada de onze horas e meia, mas até mesmo as reais condições alemãs. Na maioria dos setores da grande indústria russa prevalece, hoje, a jornada de trabalho de dez horas, que é, na Alemanha, colocada pela legislação social como um fim inatingível. Aliás, vai além; aquele almejado “constitucionalismo industrial”, com o qual a Alemanha sonha, e pelo qual os oportunistas gostariam de deixar longe das águas paradas do salvador parlamentarismo qualquer sopro de ar fresco, nasce na Rússia em plena tormenta revolucionária, nasce *da* revolução juntamente com o “constitucionalismo” político! De fato o que ocorreu não foi simplesmente uma elevação geral do nível de vida ou do nível cultural do operariado. O padrão de vida material, como um estágio duradouro de bem -estar, não encontra lugar na revolução. Cheia de contradições e contrastes, ela traz, ao mesmo tempo, vitórias econômicas surpreendentes e atos de vingança brutais do capitalismo: hoje a jornada de trabalho de oito horas, amanhã locautes e a fome evidente para centenas de milhares. O mais valioso nessa fervorosa onda revolucionária de sobe e desce, por ser durável, é seu *peso intelectual*: o crescimento intermitente do proletariado no plano intelectual e cultural oferece uma garantia inquebrantável para seu progresso contínuo e irresistível na luta política e econômica. Mas não só isso. A própria relação do trabalhador com o empresário é virada do avesso; desde a greve geral de janeiro e as greves seguintes do ano de 1905 o princípio do capitalista “patrão em sua casa” foi abolido de fato.

Nas maiores fábricas de todos os centros industriais mais importantes, a instituição de comitês de trabalhadores, exclusivamente com quem os empresários negociam, e decidem sobre todos os conflitos, deu-se como que autonomamente. E, por fim, algo mais: as greves aparentemente caóticas e a ação revolucionária “desorganizada” após a greve geral de janeiro tornam-se o ponto de partida de um febril *trabalho de organização*. Rindo de longe, a madame história torce o nariz para os burocratas ligados a clichês, que furiosos fazem a segurança nos portões da felicidade sindical alemã. As sólidas organizações concebidas como fortalezas inexpugnáveis e que devem ser cercadas de trincheiras e que na Alemanha são vistas como o pressuposto indispensável para uma eventual tentativa de uma eventual greve de massas, na Rússia, em contrapartida, essas organizações nasceram justamente da greve de massas! E enquanto os guardiões dos sindicatos alemães temem que as organizações acabem em cacos, como porcelana valiosa em um turbilhão revolucionário, a Revolução Russa nos mostra o retrato diretamente inverso: do turbilhão e da tormenta, do fogo e das cinzas da greve de massas, das lutas de rua, levantam-se como a Vênus do mar: jovens, frescos, fortes e vivos – os sindicatos.

Aqui novamente apenas um pequeno exemplo, mas que é típico para todo o império. Na segunda Conferência dos Sindicatos da Rússia, que ocorreu no final de fevereiro de 1906 em São Petersburgo, o representante dos sindicatos locais afirmou, em seu relatório acerca do desenvolvimento das organizações sindicais na capital tsarista:

O dia 22 de janeiro de 1905, que destruiu a Associação de Gapon, constituiu uma virada. A massa dos trabalhadores aprendeu, a partir dos acontecimentos, que apenas eles próprios podem criar essas organizações. – Em ligação direta com o movimento de janeiro se origina, em São Petersburgo, o primeiro sindicato: o dos tipógrafos. A comissão eleita para a definição da tarifa preparou todos os estatutos, e em 19 de junho o sindicato deu início à sua existência. Aproximadamente na mesma época foram trazidos à vida o sindicato dos escriturários e contadores. Ao lado dessas organizações, que existem quase que publicamente (legalmente), de janeiro a outubro de 1905 deu-se origem a sindicatos semilegalizados e não legalizados. Dos primeiros fazem parte, por exemplo, os ajudantes farmacêuticos e os empregados do comércio. Entre os sindicatos não legalizados precisa ser destacada a associação dos relojoeiros, cuja primeira sessão secreta ocorreu em 24 de abril. Todas as tentativas de convocar uma assembleia aberta e geral sucumbiram à resistência persistente da polícia e dos empresários, na figura da Câmara de ofícios [*Handwerkskammer*]. Esse insucesso não impediu a existência do sindicato. Ele realizou sessões secretas em 9 de junho e 14 de agosto, além das sessões da diretoria do sindicato. O sindicato dos alfaiates e costureiras foi criado na primavera de 1905 durante uma assembleia na floresta, em que setenta alfaiates estavam presentes. Após terem discutido a questão da fundação,

elegeu-se uma comissão que foi encarregada dos trabalhos estatutários. Todas as tentativas da comissão de levar adiante uma existência legal para o sindicato permaneceram sem sucesso. Sua atividade limita-se à agitação e à obtenção de membros em algumas oficinas. Um destino parecido foi reservado ao sindicato dos sapateiros. Durante uma noite de julho, em uma floresta do lado de fora da cidade, foi convocada uma assembleia secreta. Mais de 100 sapateiros compareceram; foi realizada uma exposição acerca do significado dos sindicatos, sobre sua história na Europa Ocidental e suas tarefas na Rússia. Depois ficou decidido fundar um sindicato; doze pessoas foram eleitas para uma comissão, que deveria preparar o estatuto e convocar uma assembleia geral dos sapateiros. O estatuto foi preparado, mas por enquanto não foi possível nem imprimi-lo, nem convocar uma assembleia geral.

Esses foram os primeiros difíceis começos. Então vieram os dias de outubro, a segunda greve geral, o manifesto tsarista de 30 de outubro e o curto “período constitucional”¹⁶. Os trabalhadores se jogam com disposição nas ondas da liberdade política, para logo utilizá-la em prol do trabalho de organização. Ao lado das rotineiras assembleias políticas, dos debates, da criação de associações, imediatamente se inicia a disseminação dos sindicatos. Entre outubro e novembro nascem, em São Petersburgo, *quarenta* novos sindicatos. Logo é fundado um “escritório central”, isto é, um cartel sindical, aparecem diferentes periódicos sindicais e, a partir de novembro, também um órgão central de divulgação, *O Sindicato*. Aquilo que foi relatado antes acerca de São Petersburgo, vale de modo geral para Moscou e Odessa, Kiev e Nikolaiev, Saratov e Voronezh, Samara e Nijni Novgorod, para todas as maiores cidades russas e, em grau ainda maior, para a Polônia. Os sindicatos de cidades isoladas procuram contato uns com os outros, são realizadas conferências. O final do “período constitucional” e o retorno à reação, em dezembro de 1905, também coloca um fim temporário à ação aberta e ampla dos sindicatos, mas não apaga o seu sopro de vida. Eles continuam agindo secretamente como organização e, ao mesmo tempo, dirigem abertamente as lutas salariais. Constitui-se uma mistura singular de condições de legalidade e ilegalidade da vida sindical, correspondente à situação revolucionária cheia de contradições. Mas em plena luta, o trabalho de organização continua sendo preparado com todo o cuidado, aliás, com pedantismo. Os partidos da social -democracia polonesa e lituana, por exemplo, que no último Congresso partidário (em junho de 1906)¹⁷ haviam sido representados por cinco delegados de 10 mil membros pagantes, estão equipados com estatutos organizados, carteirinha de membro impressa, selos etc. E os mesmos padeiros e sapateiros, metalúrgicos e tipógrafos de *Łódź* que, em junho de 1905, estavam nas

¹⁶ Referência ao período que se estendeu do começo de 1906 a julho daquele mesmo ano.

¹⁷ O V Congresso da Social -Democracia do Reino da Polônia e Lituânia ocorreu ilegalmente em junho de 1906 em Zakopane.

barricadas e, em dezembro, apenas aguardavam um aviso de São Petersburgo para a luta de ruas, acabam por encontrar tempo, entre uma e outra greve de massas, entre a prisão e o locaute, sob estado de vigilância, o ócio e a santa seriedade, para discutir detalhada e atentamente seus estatutos sindicais. Aliás, por mais de uma vez esses lutadores de barricadas de ontem e de amanhã colocaram, de maneira implacável, seus líderes na linha durante assembleias e ameaçaram desligar-se do partido, pois as infelizes carteirinhas de membros sindicais não puderam ser impressas – em gráficas secretas e sob uma perseguição policial ininterrupta – com a rapidez necessária. Esse entusiasmo e essa seriedade duram até agora. Nas primeiras duas semanas de julho de 1906, por exemplo, em Ekaterinoslav foram criados quinze novos sindicatos: em Kostroma seis sindicatos, alguns em Kiev, Poltava, Smolensk, Tcherkassy, Proskurov – até nas menores províncias. Na sessão do cartel sindical de Moscou de 4 de junho deste ano foi decidido, após a recepção dos relatórios de diferentes delegados sindicais,

que os sindicatos deveriam disciplinar os seus membros e mantê-los distantes de tumultos de rua, pois no momento a greve de massas é vista como inadequada. Perante possíveis provocações do governo deve-se atentar para que a massa não rume para as ruas. Por fim, o cartel decidiu que, enquanto um sindicato estiver em greve, os outros devem se manter distantes de movimentos salariais.

A maioria das lutas econômicas é, agora, dirigida por sindicatos¹⁸. Assim a grande luta econômica que partiu da greve geral de janeiro, e que não terminou até hoje, constituiu um amplo pano de fundo da revolução, do qual aqui e ali cada vez se levantam tanto explosões isoladas quanto grandes ações gerais do proletariado, em interação contínua com a agitação política e os acontecimentos exteriores da revolução. Assim, nesse pano de fundo irrompem continuamente: em 1.º de maio de 1905, na

¹⁸ Apenas nas duas primeiras semanas de junho de 1906 foram realizadas as seguintes lutas salariais: dos tipógrafos em São Petersburgo, Moscou, Odessa, Minsk, Vilna, Saratov, Mogiljov, e Tambov, pela jornada de trabalho de oito horas e do descanso dominical; uma greve geral dos marinheiros em Odessa, Nikolajev, Kertsch, Krim, Cáucaso, na frota de Volga, em Kronstadt, em Varsóvia e Plock pelo reconhecimento do sindicato e libertação dos delegados trabalhadores presos; dos estivadores em Saratov, Nikolaiev, Zarizyn, Archangelsk, Nijni Novgorod, Rybinsk. Os padeiros fizeram greve em Kiev, Archangelsk, Bialystok, Wilna, Odessa, Charkow, Brest-Litowsk, Radom, Tiflis; os trabalhadores rurais nos distritos de Werchedneprowsk, Borissowsk, Simferopol, nos governos Podolsk, Tula, Kursk, nos distritos de Koslov, Lipovitz, na Finlândia, no governo de Kiev, no distrito de Jelisawet. Nesse período fizeram greve, em diversas cidades, *quase todos os setores de negócio ao mesmo tempo*, assim em Saratov, Archangelsk, Kertsch, Kremenchug. Em Bachmut houve uma greve geral dos mineiros de toda a região. Em outras cidades o movimento salarial atingiu, no decorrer das duas semanas citadas, *continuamente todas* as profissões, como em Kiev, São Petersburgo, Varsóvia, Moscou, em todo o distrito de Iwanowo-Wosnessensk. O objetivo da greve em todo lugar: diminuição do tempo de trabalho, descanso dominical, reivindicações salariais. A maioria das greves foi vitoriosa. Em relatórios locais é destacado que, em parte, elas atingiram camadas de trabalhadores que pela primeira vez tomavam parte em um movimento salarial.

euforia de maio, uma greve geral absoluta sem antecedentes em *Varsóvia*, com uma manifestação de massas completamente pacífica, que terminou num confronto sangrento entre a multidão indefesa e os soldados. Em junho, em *Łódź*, uma marcha de massas que é dispersa por soldados leva a uma manifestação de 100 mil trabalhadores no enterro de algumas vítimas da soldadesca, a um novo confronto com os militares e, finalmente, à greve de massas, que nos dias 23, 24 e 25 se torna a primeira luta de barricadas no império tsarista. Ainda em junho, no porto de Odessa, um pequeno episódio a bordo do encouraçado “Potemkin” provoca a primeira grande revolta de marinheiros da frota do Mar Negro, que imediatamente traz à tona uma enorme greve de massas em *Odessa* e *Nikolajew*. Como eco, seguem -se: a greve de massas e revoltas dos marinheiros em *Kronstadt*, *Libau*, *Vladivostok*. No mês de outubro ocorreu o grandioso experimento de São Petersburgo com a introdução da jornada de trabalho de oito horas. O conselho de delegados dos trabalhadores decide impor a jornada de trabalho de oito horas em São Petersburgo pelo caminho revolucionário. Isso quer dizer: determinado dia todos os trabalhadores de São Petersburgo explicam aos seus empregadores que não aceitam trabalhar mais de oito horas por dia, e deixam seus locais de trabalho no horário fixado. A ideia ocasionou uma viva agitação, é entusiasticamente acolhida e levada a cabo pelo proletariado que não poupou os maiores sacrifícios. Assim, por exemplo, para os trabalhadores têxteis que trabalhavam onze horas, e com remuneração por empreitada, a jornada de trabalho de oito horas significou uma enorme redução salarial, que eles, entretanto, aceitaram de bom grado. *No decorrer de uma semana quase que em todas as fábricas e oficinas de São Petersburgo a jornada de trabalho de oito horas domina*, e a comemoração do operariado não tinha limites. Logo, entretanto, o empresariado inicialmente surpreso organiza sua defesa: em todo lugar ameaçam com o fechamento das fábricas. Uma parte dos trabalhadores inicia negociações e conquista aqui a jornada de dez, ali a de nove horas. A elite do proletariado de São Petersburgo, entretanto, os trabalhadores das grandes fábricas estatais de metal, permanece inabalada, e ocorre um locaute que coloca 45 a 50 mil homens na rua durante um mês. Através desse fechamento, o movimento pela jornada de oito horas se estende até a greve geral de dezembro, que em grande medida interrompeu o locaute. Enquanto isso, porém, em outubro em resposta ao projeto da Duma de Bulygin ocorre a segunda maior greve de massas em todo o império tsarista, cujo palavra de ordem foi dada pelos ferroviários. Essa segunda ação importante revolucionária do proletariado já carrega um sentido essencialmente diferente da primeira, em janeiro. O elemento da consciência política desempenha um papel muito maior. De fato, também aqui a primeira motivação para o nascimento da greve de massas foi algo desordenado e aparentemente casual: o conflito dos ferroviários com a administração por causa da Caixa de Aposentadoria.

Mas o levante generalizado do proletariado industrial que se seguiu sustenta -se num pensamento político claro. O prólogo da greve de janeiro foi uma caminhada reivindicativa até o tsar pela liberdade política, o lema da greve de outubro era: fora com a comédia constitucional do tsarismo! E graças ao sucesso imediato da greve geral, ao manifesto tsarista de 30 de outubro, o movimento não se volta para dentro, como em janeiro, regressando ao começo da luta de classes econômica, mas se dissemina para fora, num exercício entusiasmado da liberdade política recentemente conquistada. Manifestações, assembleias, uma imprensa jovem, discussões públicas, e, para concluir, massacres sangrentos, em seguida novas greves de massas e manifestações – essa é a imagem dantesca dos dias de novembro e dezembro.

Seguindo o apelo da social -democracia, é realizada em novembro em São Petersburgo a primeira greve de massas demonstrativa como anúncio de protesto contra os atos de sangue e a promulgação do estado de sítio na Livônia e na Polônia. A ebulição após o curto sonho da Constituição, e o despertar atroz, leva finalmente em dezembro à eclosão da terceira greve geral de massas em todo o império tsarista. Dessa vez, o andamento e o desfecho são completamente diferentes dos dois casos anteriores. A ação política não mais se transforma em uma ação de cunho econômico, como em janeiro, mas também não conquista uma vitória rápida, como em outubro. A camarilha tsarista não mais realiza experimentos com a liberdade política real, e assim, pela primeira vez, a ação revolucionária atinge em toda a sua amplitude o muro rígido do poder material¹⁹ do absolutismo. Por meio do desenvolvimento lógico, interior aos acontecimentos que se sucedem, dessa vez a greve de massas se transforma em um levante aberto, em luta armada, de barricadas, nas ruas de Moscou. Os dias de dezembro de Moscou fecham, como o auge da trajetória ascendente da ação política e do movimento de greve de massas, o primeiro ano laborioso da revolução. Os acontecimentos de Moscou expõem, ao mesmo tempo, como uma pequena amostra, o desenvolvimento lógico e o futuro de todo o movimento revolucionário: seu término inevitável em um levante aberto, mas que, por sua vez, não se produzirá senão pela escola de uma série de levantes parciais preparatórios, que justamente por causa disso terminam temporariamente com aparentes “derrotas” parciais, e observados isoladamente podem parecer “equivocados”.

¹⁹ 20 1.edição: físico.

O ano de 1906 traz as eleições da Duma e o seu episódio. O proletariado boicota, por conta de seu forte instinto revolucionário e do claro conhecimento da situação, toda a farsa constitucional tsarista, e o liberalismo volta a ocupar o primeiro plano político durante alguns meses. A situação do ano de 1904 parece retroceder: a ação cede lugar à palavra, e o proletariado fica por algum tempo na sombra, dedicando-se tanto mais assiduamente à luta sindical e ao trabalho organizativo. As greves de massas emudecem, enquanto a ruidosa retórica liberal irrompe dia após dia. Por fim, de repente a cortina de ferro se fecha, os atores são dispersos, dos foguetes liberais restam apenas fumo e névoa. Uma tentativa do comitê central da social-democracia russa, de provocar uma quarta greve de massas em toda a Rússia como manifestação em favor da Duma e pela reabertura do período do discurso liberal, cai prontamente por terra. O papel da greve política de massas está esgotado, porém, a passagem da greve de massas para um levante popular generalizado e a luta de ruas ainda não amadureceu. O episódio liberal passou, mas o proletário ainda não recomeçou. O palco fica provisoriamente vazio.

IV

Procuramos esboçar a história da greve de massas da Rússia em poucos e concisos traços. Até mesmo um rápido olhar sobre essa história nos mostra um retrato que em nada se assemelha àquele que comumente se faz da greve de massas durante sua discussão na Alemanha. Em vez do esquema rígido e oco de uma “ação” política seca, realizada com base em planos cautelosos provenientes de decisões das altas instâncias, vemos uma peça de uma vida vívida, de carne e osso, que não se deixa separar do quadro maior da revolução, ligada por mil veias a todo o movimento da revolução. A greve de massas, como nos é mostrada pela revolução russa, é um fenômeno tão mutável, que reflete em si em todas as fases da luta política e econômica, todos os estágios e momentos da revolução. Sua aplicabilidade, sua força de influência, os elementos que a produzem se alteram continuamente. Repentinamente ela abre novas e maiores perspectivas para a revolução onde esta já parecia encontrar-se num beco sem saída, e falha onde parece ser possível contar com ela com toda a certeza. Ora ela se estende como uma grande onda sobre todo o império, ora se divide em uma grande rede de pequenas correntes; ora borbulha como uma fonte fresca saída do subsolo, ora se perde completamente na terra. Greves políticas e econômicas, greves de massa e greves parciais, greves de protesto e greves de luta, greves gerais de setores isolados e greves gerais de cidades isoladas, lutas salariais pacíficas e batalhas de rua, lutas de barricada – tudo isso se confunde, acontece paralelamente, se cruza, conflui; é um mar sempre em movimento, em alteração. E a lei do movimento desses fenômenos torna-se clara: não

reside na greve de massas propriamente dita, em suas especificidades técnicas, mas na correlação entre as forças políticas e sociais da revolução. A greve de massas é apenas a forma da luta revolucionária, e todo deslocamento na correlação das forças em luta, no desenvolvimento do partido e na divisão de classes, na posição da contrarrevolução, tudo isso logo influencia a ação da greve por milhares de caminhos quase incontroláveis. Entretanto, a própria ação da greve quase não para. Ela apenas altera suas formas, sua extensão, seu efeito. Ela é o pulso vivo da revolução e, ao mesmo tempo, seu motor mais poderoso. Em suma: a greve de massas, como nos é mostrada pela Revolução Russa, não é um meio astuto, inventado para reforçar o efeito da luta proletária, mas é *o modo de movimentação da massa proletária, a forma de expressão da luta proletária na revolução.*

Pode -se avaliar o problema da greve de massas a partir de alguns pontos de vista gerais.

1. É completamente incorreto conceber a greve de massas como um ato, uma ação isolada. A greve de massas é, antes, a denominação, o conceito aglutinador de todo um período de anos, talvez de décadas de lutas de classes. Das incontáveis e variadas greves de massas que ocorreram na Rússia durante os últimos quatro anos, o esquema da greve de massas como um breve ato isolado, puramente político, convocado de acordo com um plano e uma intenção, corresponde apenas a um tipo, e ainda por cima secundário: à pura greve de protesto. Ao longo de um período de cinco anos, vemos na Rússia apenas algumas poucas greves de protesto, e *nota bene* comumente restritas a algumas cidades isoladas. Assim, por exemplo, a greve geral da comemoração de maio que ocorre anualmente em Varsóvia e em Łódź – na Rússia propriamente dita, o 1.º de maio até hoje ainda não foi comemorado com uma abrangência significativa por uma paralisação do trabalho; a greve de massas em Varsóvia em 11 de setembro de 1905, por ocasião do funeral em homenagem ao condenado à morte Marcin Kasprzak; em novembro de 1905 em Petersburgo como protesto contra a declaração do estado de sítio na Polônia e na Livônia; em 22 de janeiro em Varsóvia, em Łódź, Częstochowa e na bacia mineira de Dabrow, bem como parcialmente em algumas cidades russas, como festividade anual do dia em memória ao banho de sangue de São Petersburgo; além disso, em julho de 1906 uma greve geral em Tiflis como manifestação de solidariedade para com os soldados condenados pelo tribunal militar em virtude da revolta militar; finalmente, pelo mesmo motivo, em setembro deste ano, durante as negociações do tribunal militar em Reval. Todas as outras greves de massas e greves gerais grandes e parciais não foram greves de protesto, mas de luta, e como tais originaram -se no mais das vezes de modo espontâneo, a cada vez por motivos locais casuais e específicos, sem planejamento

e sem intenção, e cresciam com um poder elementar até tornarem –se grandes movimentos; assim sendo, não “batiam em retirada ordenadamente”, mas se transformavam ora em luta econômica, ora em luta de rua, ora desmoronavam sozinhas.

Nesse retrato geral, as greves de protesto puramente políticas desempenham um papel completamente subordinado – o de pequenos pontos isolados numa superfície enorme. Do ponto de vista temporal, pode –se apreender aí o seguinte traço: as greves de protesto, que, diferentemente das greves de luta, apresentam o maior nível de disciplina partidária, de direção consciente e de pensamento político, ou seja, de acordo com o esquema deveriam transparecer como a forma mais madura e elevada da greve de massas, na verdade desempenham o maior papel nos *primórdios* do movimento. Assim, por exemplo, a paralisação absoluta do trabalho em 1.º de maio de 1905 em Varsóvia, como primeiro caso de uma decisão da social –democracia tão surpreendentemente levada a cabo, foi um acontecimento de grande impacto para o movimento proletário na Polônia. Do mesmo modo, a greve de solidariedade em novembro do mesmo ano em São Petersburgo impressionou bastante como a primeira prova de uma ação de massas consciente, planejada na Rússia. Igualmente também o “ensaio de greve de massas” dos companheiros de Hamburgo, em 17 de janeiro de 1906²⁰, desempenhará um papel excepcional na história das futuras greves de massas alemãs como a primeira tentativa de usar arma tão controversa, tentativa aliás bem –sucedida, que exprime de modo muito convincente o clima de luta e a alegria de lutar do operariado hamburguês. E é com a mesma certeza que o período de greves de massas na Alemanha, quando tiver sido seriamente iniciado, levará por si a uma verdadeira paralisação geral do trabalho em 1.º de maio. A comemoração de maio poderia naturalmente ser entendida como a primeira grande manifestação em homenagem às lutas de massas. Nesse sentido, o “cavalo manco”, como foi chamada a comemoração de maio no Congresso Sindical de Colônia²¹, ainda tinha à sua frente um grande futuro e um papel importante na luta de classes proletária. Mas com o desenvolvimento das primeiras lutas revolucionárias sérias o significado dessas manifestações diminui rapidamente. Justamente os mesmos fatores, que possibilitaram objetivamente a existência de greves de protesto de acordo com um plano previamente traçado e com vistas aos ideais dos partidos – o crescimento da consciência política e a educação do

²⁰ Cerca de 80 mil trabalhadores de Hamburgo interromperam o trabalho na tarde de 17 de janeiro de 1906 para protestar em assembleias e com manifestações contra a restrição do direito de voto. Foi a primeira greve política de massas na Alemanha.

²¹ No V Congresso dos Sindicatos Alemães, de 22 a 27 de maio de 1905 em Colônia, a discussão acerca do Primeiro de Maio como um dia de luta de classe trabalhadora havia sido interrompida. O congresso terminou sem uma votação das solicitações apresentadas com relação à pauta do dia.

proletariado – tornam esse tipo de greve de massas impossível; hoje, o proletariado na Rússia, e justamente a vanguarda mais diligente da massa, nada quer saber de greves de protesto; os trabalhadores não querem mais brincar e agora apenas querem pensar numa luta séria com todas as suas consequências. E se, na primeira grande greve de massas no ano de 1905, o elemento de protesto desempenhou um grande papel, ainda que não de forma proposital, mas antes, instintiva, espontânea, em contrapartida a tentativa do comitê central da social –democracia russa de chamar em agosto uma greve de massas, como protesto contra a dissolução da Duma, falhou, dentre outros motivos, diante da aversão categórica do proletariado instruído contra simples manifestações e insignificantes pseudoações (*Halbaktionen*).

2. Quando, porém, enfocamos a greve de luta em vez do tipo subordinado da greve de protesto, o que chama a atenção é que é impossível separar os elementos políticos e econômicos uns dos outros. Também aqui a realidade foge bastante do esquema teórico, e a concepção pedante, segundo a qual a pura greve de massas política resulta logicamente da mais elevada e madura greve geral sindical, mas é ao mesmo tempo distinta dela, é refutada por completo pela experiência da revolução russa. Isso não se expressa apenas historicamente em que a greve de massas, daquela primeira grande luta salarial dos trabalhadores têxteis de São Petersburgo no ano de 1896/1897, até a última grande greve de massas em dezembro de 1905, tenha passado de modo completamente imperceptível do econômico ao político, tornando quase impossível traçar a fronteira entre ambos. Também cada uma das grandes greves de massas repete em miniatura, por assim dizer, a história geral da greve de massas russa e começa com um conflito sindical puramente econômico ou, pelo menos, parcial, percorrendo toda a escala até o protesto político. A grande tormenta de greves de massas no sul da Rússia em 1902 e 1903 originou-se, como vimos, em Baku a partir de um conflito decorrente da punição de desempregados, em Rostov das diferenças salariais nas oficinas ferroviárias, em Tiflis da luta dos empregados do comércio pela redução do tempo de trabalho, em Odessa da luta salarial numa única pequena fábrica. A greve de massas de janeiro de 1905 desenvolveu-se a partir do conflito interno nas fábricas Putilov, a greve de outubro da luta dos ferroviários pela Caixa de Aposentadoria, a greve de dezembro, por fim, da luta dos empregados dos telégrafos e do correio pelo direito de coligação. O progresso do movimento como um todo não se manifesta porque deixa de haver o estágio econômico inicial, mas antes pela rapidez com que é percorrida a escala até o protesto político, e pelo ponto extremo aonde chega a greve de massas.

Só que o movimento como um todo não segue apenas a direção da luta econômica para a luta política, mas também o contrário. Cada uma das grandes ações políticas de massas se transforma, depois de

ter atingido o ápice, numa grande confusão de greves econômicas. E novamente isso se refere não apenas a cada uma das grandes greves de massas, mas também à revolução como um todo. Com a expansão, clarificação, e potencialização da luta política, não apenas a luta econômica não retrocede, como também se dissemina, se organiza, e se potencializa por sua vez ao mesmo tempo. Existe uma completa interação entre as duas.

Cada novo arranque e cada nova vitória da luta política se transforma num grande impulso para a luta econômica, expandindo simultaneamente suas possibilidades externas e o ímpeto interno dos trabalhadores para melhorar sua situação, aumentando seu desejo de luta. Após cada onda espumante da ação política sobra um sedimento fértil onde imediatamente surgem milhares de brotos da luta econômica. E inversamente. O incessante estado de guerra econômico dos trabalhadores contra o capital mantém acesa a energia combativa em todas as pausas políticas; ele forma, por assim dizer, o reservatório permanentemente fresco da força de classe proletária, do qual a luta política sempre volta a tirar seu poder, e, ao mesmo tempo, a incansável perfuração (*Bohren*) econômica do proletariado leva a todo momento, ora aqui ora ali, a agudos conflitos isolados a partir dos quais explodem repentinamente conflitos políticos em grande escala.

Em suma, a luta econômica é o que leva de um entroncamento político a outro, sendo a luta política a fecundação periódica da terra para a luta econômica. Causa e efeito alternam aqui suas posições a cada momento, formando assim os elementos econômico e político no período de greve de massas; longe de se separarem claramente ou até de se excluírem, como quer o esquema pedante, eles são antes dois lados entrelaçados da luta de classes proletária na Rússia. E *sua unidade* é justamente a greve de massas. Quando a sutil teoria, para chegar à “pura greve política de massas”, realiza uma dissecação artificialmente lógica na greve de massas, ao dissecá-la, como em qualquer outro caso, o fenômeno não é reconhecido em sua essência viva, mas só depois de morto.

3. Por fim, os acontecimentos na Rússia nos mostram que a greve de massas é inseparável da revolução. A história da greve de massas russa é a história da Revolução Russa. Quando, no entanto, os representantes do nosso oportunismo alemão ouvem falar de “revolução”, eles logo pensam em derramamento de sangue, em batalhas de rua, em pólvora e chumbo, e o resultado lógico disso é: a greve de massas leva inevitavelmente à revolução, *ergo* não podemos fazê-la. De fato vemos, na Rússia, que quase toda greve de massas chega por fim a um confronto com os guardiões armados da ordem tsarista; nisso as assim chamadas greves políticas assemelham-se totalmente às lutas

econômicas maiores. Mas a revolução é algo diferente e algo mais do que derramamento de sangue. Diferentemente da concepção policial, que apreende a revolução exclusivamente do ponto de vista das manifestações de rua e dos tumultos, isto é, do ponto de vista da “desordem”, o socialismo científico concebe a revolução, sobretudo, como uma transformação interna profunda nas relações sociais de classes. E desse ponto de vista há, entre a revolução e a greve de massas na Rússia, também um nexo completamente diferente do constatado pela percepção trivial, de que a greve de massas comumente termina em derramamento de sangue.

Vimos, acima, o mecanismo interno da greve de massas russa, que reside na interação ininterrupta entre luta política e luta econômica. Mas justamente essa interação está condicionada pelo período da revolução. Apenas no ar tempestuoso do período revolucionário é que cada pequeno conflito parcial entre trabalho e capital é capaz de desenvolver -se até uma explosão geral. Na Alemanha acontecem anual e diariamente os embates mais brutais entre trabalhadores e empreendedores, sem que a luta ultrapasse os limites do setor, da cidade ou da fábrica em questão. Punições a trabalhadores organizados como em São Petersburgo, desemprego como em Baku, conflitos salariais como em Odessa, lutas pelo direito de coligação como em Moscou, encontram-se na ordem do dia na Alemanha. Nenhum desses casos, no entanto, se transformou numa ação conjunta de classes. E se eles próprios se desenvolvem rumo a uma única greve de massas, que sem dúvida tem caráter político, ainda assim não dão origem a uma tempestade geral. A greve geral dos ferroviários holandeses²², que apesar de toda a simpatia acabou sangrando em meio à imobilidade completa de todo o proletariado, é um exemplo gritante. E, inversamente, só no período revolucionário, em que os fundamentos sociais e os muros da sociedade de classes são sacudidos e se encontram em constante mudança, é que aquela ação política de classe do proletariado é capaz, em poucas horas, de arrancar de sua imobilidade camadas do operariado até então inatingidas, o que logo se expressa em uma luta econômica tormentosa. O trabalhador repentinamente despertado pelo choque elétrico de uma ação política recorre, no momento seguinte, sobretudo ao que está mais próximo: defende-se contra sua situação de escravidão econômica; o gesto tempestuoso da luta política faz -lhe sentir o peso e a pressão de suas correntes econômicas com uma intensidade insuspeitada. Enquanto na Alemanha a

²² A greve geral dos ferroviários holandeses teve início em 6 de abril de 1903. Ela se voltava contra um projeto de lei do governo, que previa altas penas carcerárias para os grevistas. O comitê de proteção dos sindicatos decidiu, em 10 de abril de 1903, interromper a greve depois que o projeto de lei foi aceito pelo parlamento.

mais intensa luta política, por exemplo, a luta eleitoral ou a luta parlamentar a propósito da tarifa alfandegária, exerce uma influência direta quase imperceptível sobre o andamento e a intensidade das lutas salariais travadas simultaneamente, cada ação política do proletariado russo se expressa imediatamente por uma extensão e um aprofundamento da área da luta econômica. Assim, é a revolução que primeiramente cria as condições sociais nas quais é viabilizada aquela transformação imediata da luta econômica em política e da luta política em econômica, que encontra sua expressão na greve de massas. E quando o esquema trivial apenas enxerga o nexo entre a greve de massas e a revolução nos confrontos de rua sangrentos com os quais as greves de massas se encerram, um olhar um pouco mais profundo sobre os acontecimentos russos nos mostra um nexo completamente *inverso*: na verdade não é a greve de massas que produz a revolução, mas a revolução é que produz a greve de massas.

4. Basta resumir o que foi dito anteriormente para também obter um resultado acerca da questão da direção consciente e da iniciativa na greve de massas. Se a greve de massas não significa um ato isolado, mas todo um período da luta de classes, e se esse período é idêntico a um período de revolução, está claro que a greve de massas não pode ser livremente desencadeada, mesmo que a decisão para tanto parta da mais alta instância do mais forte partido social -democrata. Enquanto a social -democracia não tiver em suas mãos a capacidade de protagonizar e terminar revoluções de acordo com o seu desejo, nem o maior entusiasmo ou impaciência das tropas social -democratas é suficiente para gerar um verdadeiro período de greves de massas como um movimento popular vivo e poderoso. A determinação da direção partidária e a disciplina partidária do operariado social -democrata podem sem dúvida realizar uma curta manifestação isolada, como a greve de massas sueca²³ ou as mais recentes greves de massas austríaca²⁴ ou a greve de 17 de janeiro em Hamburgo. Essas manifestações, porém, distinguem -se de um verdadeiro período de greves de massas

²³ Na Suécia foi realizada uma greve política de massas de 15 a 17 de maio de 1902 a partir de uma decisão da social -democracia, para dar ênfase à reivindicação por uma reforma do direito de voto. A greve, na qual tomaram parte cerca de 116 mil trabalhadores, foi interrompida sem resultado, depois que as duas câmaras do Congresso solicitaram ao governo, por meio de uma resolução, a proposta de um novo modelo para o direito de voto até 1904.

²⁴ De outubro a dezembro de 1905 ocorreram na Áustria-Hungria, após decisão do Partido Austríaco Social -Democrata, greves e manifestações de massa em favor do sufrágio universal.

revolucionárias do mesmo modo que as conhecidas manobras navais em portos estrangeiros²⁵, quando as relações diplomáticas estão tensas, se distinguem de uma guerra marítima. Uma greve de massas nascida de muita disciplina e entusiasmo irá, no melhor dos casos, desempenhar um papel como episódio, como um sintoma da combatividade do operariado, após o que a situação volta à tranquilidade do cotidiano.

De fato, também durante a revolução as greves de massas não caem inteiramente do céu. Dessa ou daquela maneira, elas precisam ser feitas pelos trabalhadores. A decisão e a resolução do operariado também desempenham um papel nisso, e é claro que a iniciativa bem como a direção posterior cabem ao núcleo social -democrata mais organizado e mais esclarecido do proletariado. Mas essa iniciativa e essa direção no mais das vezes apenas têm espaço de manobra no que se refere ao emprego de atos isolados, greves isoladas, quando o período revolucionário já existe, e com frequência apenas no interior das fronteiras de uma única cidade. Assim, por exemplo, como vimos, diversas vezes a social-democracia, com sucesso, ofereceu diretamente as palavras de ordem para a greve de massas em Baku, em Varsóvia, em Łódź, em São Petersburgo. A mesma coisa obtém êxito muito menor se for aplicada a movimentos gerais de todo o proletariado. Além disso, a iniciativa e a direção consciente têm limites bem determinados. Justamente durante a revolução é bastante difícil para qualquer órgão dirigente do movimento proletário prever e calcular qual motivo e quais momentos poderão levar a explosões e quais não. Também aqui a iniciativa e a direção não consistem em comandar arbitrariamente, mas em adaptar -se à situação o mais habilmente possível, mantendo o mais estreito contato com o moral da massa. O elemento da espontaneidade desempenha, como vimos, um grande papel em todas as greves de massas russas, sem exceção, seja como elemento propulsor ou como elemento repressor. Mas isso não decorre do fato de, na Rússia, a social -democracia ainda ser jovem ou fraca, mas porque para cada ato isolado da luta concorrem incalculáveis elementos econômicos, políticos e sociais, gerais e locais, materiais e psíquicos, de modo que nenhum ato pode ser determinado e realizado como um exemplo aritmético. A revolução, até mesmo quando o proletariado desempenha o papel de liderança com a social -democracia na direção, não é uma manobra do proletariado em campo aberto, mas é, antes, uma luta em plena quebra, fragmentação e alteração de todos os fundamentos sociais. Em suma, se nas greves de massas

²⁵ No verão de 1898, durante a Guerra Hispano-Americana, apareceu um esquadrão naval alemão em frente a Manila, para fazer valer a pretensão dos círculos coloniais e navais alemães sobre uma parte considerável das possessões espanholas no Pacífico e no Extremo Oriente. Em 31 de março de 1905 Guilherme II chegou a Tanger para impedir a dominação francesa no Marrocos em prol do imperialismo alemão.

na Rússia o elemento espontâneo desempenha um papel tão importante, não é porque o proletariado “não é instruído”, mas porque a revolução não admite instrutores. Por outro lado, vemos na Rússia que a mesma revolução, que tanto dificultou à social -democracia o comando da greve de massas e que a todo momento lhe tira da mão, ou lhe devolve a batuta de maestro, em compensação resolve todas as dificuldades das greves de massas que no esquema teórico da discussão alemã são tratadas como as preocupações principais da “direção”: a questão do “abastecimento”, da “cobertura dos custos” e das “vítimas”. De fato, ela não os resolve da maneira como se faz, com o lápis na mão, numa conferência tranquila e secreta entre as instâncias dirigentes superiores do movimento operário. O “controle” de todas essas questões consiste no seguinte: a revolução traz para o palco massas populares tão enormes, que o cálculo e o controle dos custos do movimento, como se avaliam de antemão os custos de um processo civil, parecem uma tarefa infundável. Decerto também as organizações dirigentes na Rússia procuram apoiar as vítimas diretas da luta com todas as forças. Assim, por exemplo, é que receberam assistência durante semanas as corajosas vítimas do grande locaute em São Petersburgo, em virtude da campanha pela jornada de oito horas. Mas todas essas medidas, no enorme balanço da revolução são uma gota no oceano. No momento em que começa um verdadeiro e sério período de greves de massas, todos os “cálculos de custos” se transformam na tentativa de esvaziar o oceano com um copo d’água. Com efeito, o que a massa proletária paga por cada revolução é um oceano de enormes sacrifícios e sofrimentos. E a solução que um período revolucionário dá a essa dificuldade aparentemente intransponível consiste em desencadear simultaneamente na massa uma soma tão enorme de idealismo, que ela se torna insensível aos maiores sofrimentos. Com a psicologia de um sindicalista, que não aceita interromper o trabalho na comemoração de primeiro de maio, antes de ter garantido antecipadamente um certo apoio para o caso de ser punido, não se pode fazer nem revolução nem greve de massas. Mas no decorrer da tempestade do período revolucionário, o proletário, o providente pai de família, que exige apoio, transforma -se num “revolucionário romântico”, para quem até o bem supremo, a saber, a vida, sem falar do bem -estar material, possui pouco valor em comparação com os ideais da luta.

Mas se a direção da greve de massas, no sentido de comandar o seu início, calcular e cobrir as despesas, cabe ao próprio período revolucionário, num sentido completamente diferente a direção da greve de massas cabe à social -democracia e a seus órgãos dirigentes. Em vez de quebrar a cabeça com o lado técnico, com o mecanismo da greve de massas, a social -democracia é chamada a assumir a direção *política* também em pleno período revolucionário. Dar as palavras de ordem, uma direção à luta, estabelecer a *tática* da luta política de modo que em cada fase e em cada momento da luta toda soma do poder existente do proletariado, já deflagrado e mobilizado, se realize e se expresse na

posição de luta do partido, que a tática da social -democracia, pela sua determinação e pelo seu rigor, nunca esteja *abaixo* do nível da verdadeira correlação de forças, mas antecipe essa correlação, eis a tarefa mais importante da “direção” no período das greves de massas. E essa direção transforma -se por si própria, por assim dizer, em uma direção técnica. Uma tática resoluta, consequente, que avança, por parte da social -democracia provoca na massa o sentimento de segurança, de autoconfiança e o desejo de luta; uma tática hesitante, fraca, baseada na subestimação do proletariado, paralisa e desorienta as massas. No primeiro caso as greves de massas eclodem “por si próprias” e sempre “no momento certo”, no segundo os chamados da direção em prol da greve de massas não têm sucesso. A revolução russa oferece exemplos sugestivos de ambos os casos.

V

Cabe agora perguntar quanto todos os ensinamentos que se podem extrair da greve de massas russa valem para a Alemanha. As condições políticas e sociais, a história e a posição do movimento operário na Alemanha e na Rússia são completamente diferentes. À primeira vista, as leis internas da greve de massas russa acima delineadas podem parecer apenas produto específico das condições russas, que em nada valem para o proletariado alemão. Entre a luta política e econômica na Revolução Russa existe o mais estreito nexos interno possível; sua unidade se expressa no período da greve de massas. Mas isso não é uma simples consequência do absolutismo russo? Em um Estado no qual toda forma e toda manifestação do movimento operário é proibida, em que a mais simples greve é um crime político, qualquer luta econômica transforma-se logicamente em luta política.

Além disso, se inversamente logo a primeira eclosão da revolução política trouxe consigo um acerto de contas geral do operariado russo com o empresariado, isso é, por sua vez, a simples consequência do fato de o trabalhador russo ter até então o mais baixo nível de vida e de nunca ter travado uma luta econômica regular pela melhoria de sua situação. O proletariado na Rússia, por assim dizer, precisava primeiro sair do estado mais rústico; que maravilha que tenha encampado isso com ousadia juvenil assim que a revolução trouxe o primeiro sopro de ar fresco à atmosfera sufocante do absolutismo. E, por fim, o andamento revolucionário tumultuoso das greves de massas russas, bem como o seu preponderante caráter espontâneo e elementar, explica-se, de um lado, pelo atraso político da Rússia, pela necessidade de, primeiramente, derrubar o despotismo oriental, e, de outro, pela carência de organização e aprendizado do proletariado russo. Em um país onde a classe trabalhadora tem trinta anos de experiência de vida política, um partido social -democrata com a força de três milhões

de pessoas, e uma tropa sindicalmente organizada de um milhão e um quarto, é impossível que a luta política, que as greves de massas assumam o mesmo caráter tumultuoso e elementar que em um Estado semibárbaro, que ainda está em vias de realizar o salto da Idade Média para a ordem burguesa moderna. Essa é a visão comum entre aqueles que querem deduzir o grau de maturidade das relações sociais de um país a partir do conteúdo de suas leis escritas.

Examinemos as questões por ordem. Primeiramente é errôneo datar o início da luta econômica na Rússia a partir da eclosão da revolução. É verdade que as greves, as lutas salariais na Rússia propriamente dita estavam cada vez mais na ordem do dia desde o início dos anos 1890, na Polônia russa²⁶ mesmo desde o fim dos anos 1880, e que haviam por fim conquistado de fato o direito de cidadania. No entanto elas frequentemente traziam excessos policiais brutais consigo, mas ainda assim faziam parte dos fenômenos cotidianos. Afinal, já no ano de 1891, por exemplo, em Varsóvia e em Łódź havia um significativo caixa de greve coletivo, e o entusiasmo pelos sindicatos durante esses anos criou até mesmo na Polônia, por um curto espaço de tempo, aquelas ilusões “econômicas” que grassaram em São Petersburgo e no restante da Rússia alguns anos depois²⁷. Assim sendo, há bastante exagero na ideia de que antes da revolução o proletário no império tsarista se encontrava no nível de vida dos indigentes. Justamente a camada mais ativa e mais dedicada da atual luta política e econômica dos trabalhadores da grande indústria, da cidade grande, encontrava -

²⁶ Por Polônia russa (Polônia congressual) entende -se o Reino da Polónia criado em 1815 pelo Congresso de Viena e que existiu até 1915.

²⁷ Por isso é de fato um erro a afirmação da companheira Roland -Holst que, em seu prefácio à edição russa de seu livro sobre a greve de massas, diz: “No entanto, o proletariado [na Rússia - R. L.], quase desde o advento da grande indústria, familiarizou -se com a greve de massas, pelo simples fato de que greves parciais mostraram -se impossíveis sob a pressão política do absolutismo” (*Neue Zeit*, 1906, n.33). O caso seria antes o inverso. É também o que diz o relator do cartel sindical de São Petersburgo à segunda conferência dos sindicatos russos, em fevereiro de 1906 ao início de seu discurso: “Na composição da conferência que vejo aqui à minha frente, não preciso destacar que o nosso movimento sindical não se origina, por exemplo, de um período ‘liberal’ do príncipe Swiatopolk -Mirski [no ano de 1904 - R. L.] ou de 22 de janeiro, como alguns tentam afirmá -lo. O movimento sindical tem raízes muito mais profundas, que estão ligadas de maneira inseparável a todo o passado de nosso movimento operário. Os nossos sindicatos são apenas novas formas de organização para dirigir a luta econômica que o proletariado russo já trava há décadas. Sem nos aprofundar muito na história, pode -se dizer que a luta econômica dos trabalhadores de São Petersburgo assume formas mais ou menos organizadas desde as memoráveis greves de 1896 e 1897. A direção dessa luta torna -se, felizmente combinada com a direção da luta política, assunto daquela organização social -democrata, assunto que a Associação de São Petersburgo chamou de luta pela libertação da classe trabalhadora, e que, após a conferência em março de 1898, transformou -se no Comitê de São Petersburgo do partido russo dos trabalhadores social -democratas. É criado um complicado sistema de organizações de fábrica, distrito e subúrbio, que liga a central às massas trabalhadoras através de incontáveis fios e lhe possibilita agir segundo todas as necessidades do operariado por meio de panfletos. É criada a possibilidade de apoiar e dirigir a greve”.

[Nota de nota]: 1 A Liga de Guerra de Petersburgo pela Libertação da Classe Trabalhadora foi fundada sob a direção de V. I. Lênin em novembro de 1895. A primeira convenção partidária da SDAPR, de 1.º a 3 de março de 1898, decidiu pela remodelagem das associações de luta e dos grupos social -democratas na Rússia em Comitês do Partido Russo Social -Democrata dos Trabalhadores.

se em um nível de vida material que era apenas um pouco inferior à camada correspondente do proletariado alemão, e em algumas profissões pode -se encontrar na Rússia salários iguais aos da Alemanha, e até mesmo, num lugar ou outro, salários maiores. Também no que se refere ao tempo de trabalho, em alguns locais a diferença entre grandes firmas industriais dificilmente será significativa. Assim, as ideias que contam com uma suposta submissão material e cultural do operariado russo, que o faria similar aos hilotas, são tiradas do nada. Após alguma reflexão essa ideia teria que contradizer o fato da revolução propriamente dita e o papel de destaque do proletariado nela. Com indigentes não se fazem revoluções politicamente maduras e com clareza de pensamento, e aquele trabalhador industrial de São Petersburgo e Varsóvia, Moscou e Odessa, que se encontra na antessala da luta está, do ponto de vista cultural e espiritual, muito mais próximo do tipo europeu-ocidental do que pensam aqueles que veem o parlamentarismo burguês e a prática sindical regular como a única e indispensável escola cultural do proletariado. O moderno desenvolvimento rumo ao grande capitalismo na Rússia e a influência intelectual de uma década e meia de social -democracia, que encorajou e dirigiu a luta econômica, realizaram uma parcela significativa de trabalho cultural mesmo sem as garantias exteriores da ordem legal burguesa. Mas o contraste torna -se ainda menor quando, do outro lado, olhamos um pouco mais a fundo o verdadeiro nível de vida do operariado *alemao*. As grandes greves políticas de massas despertaram, na Rússia, as camadas mais amplas do proletariado desde o início, e as colocaram em uma luta econômica febril. Será que não há na Alemanha recantos completamente escuros na existência do operariado aos quais a luz reconfortante dos sindicatos pouco chegou até hoje, grandes camadas sociais que até agora mal tentaram tomar o caminho das lutas salariais cotidianas para sair do hilotismo social, ou o fizeram em vão?

Peguemos a *miséria dos mineiros*. Mesmo num dia de trabalho calmo, na atmosfera gelada da irrelevância parlamentar alemã – assim como em outros países, mesmo no eldorado dos sindicatos, a Inglaterra – a luta salarial dos mineiros se manifesta apenas de tempos em tempos em erupções enormes, em greves de massas típicas, elementares. Isso mostra que a oposição entre capital e trabalho, aqui, é demasiadamente intensa e poderosa para que se possa dividi -la na forma de lutas sindicais tranquilas, planejadas e parciais. Porém, essa miséria dos mineiros, com sua base eruptiva, que já em tempos “normais” constitui um cenário altamente impetuoso, deveria na Alemanha, a cada grande ação política de massas da classe trabalhadora, a cada choque violento, dar vazão inevitavelmente e de pronto a uma enorme luta econômico-social. Olhemos, além disso, para a *miséria dos trabalhadores têxteis*. Aqui também as explosões mais irritadas e no mais das vezes sem

resultado das lutas salariais, que atravessam o Vogtland de tempos em tempos, oferece um conceito fraco da veemência com que a grande massa amontoada dos escravos do capital têxtil cartelizado explodiria por ocasião de um abalo político, de uma ação de massas forte e audaciosa do proletariado alemão. Olhemos, ainda, para a *miséria dos trabalhadores domésticos*, a *miséria dos trabalhadores da confecção*, a *miséria dos trabalhadores da eletricidade*, diversos cenários em que a cada explosão política na Alemanha rebentarão violentas lutas econômicas agravadas pelo fato de que aqui o proletariado, em tempos tranquilos, raramente se empenha na luta, que sua luta é cada vez mais em vão e que cada vez mais é brutalmente compelido pelo capital a retornar, rangendo os dentes, à escravidão. Consideremos agora as grandes categorias do proletariado que, em um andamento “normal” das coisas na Alemanha, estão excluídas de toda possibilidade de realizar uma luta econômica tranquila para melhorar sua situação, bem como de qualquer uso do direito de coligação. Citemos sobretudo como exemplo a notável miséria dos *empregados ferroviários* e do *correio*. Para esses funcionários públicos existem condições russas, definitivamente russas, em pleno estado de direito parlamentar alemão, como só existiam *antes* da revolução, durante a magnificência inabalada do absolutismo. Já na grande greve de outubro de 1905, o ferroviário russo, na Rússia ainda formalmente absolutista, encontrava-se muito acima do alemão no que se refere à sua mobilidade social e econômica. Os ferroviários e os empregados do correio russos conquistaram o direito de coligação efetivamente na luta, e ainda que no momento chova processo após processo e reprimenda após reprimenda, nada atinge a solidariedade interna deles. Mas seria um cálculo psicológico completamente errado, caso se quisesse assumir, com a reação alemã, que a obediência cega dos ferroviários e empregados do correio alemães durará para sempre, que ela é uma rocha, que nada pode destruí-la. Quando os dirigentes sindicais alemães também tiverem se acostumado às condições dadas de tal modo que eles, despreocupados pelo opróbrio quase sem precedentes que se faz presente em toda a Europa, consigam observar com algum contentamento os sucessos da luta sindical na Alemanha, então a raiva profunda, acumulada por muito tempo, dos escravos estatais uniformizados, explodirá inevitavelmente num levante geral dos trabalhadores industriais. E se a vanguarda industrial do proletariado usar as greves de massas para ampliar seus direitos políticos ou para defender os antigos, a grande tropa de ferroviários e empregados do correio tomará consciência de seu singular opróbrio, e por fim se levantará para libertar-se da porção extra de absolutismo russo que foi criada especialmente para ela na Alemanha. A teoria pedante, que quer realizar os grandes movimentos populares de acordo com um esquema e uma receita, acredita ver, na conquista do direito de coligação para os ferroviários, o *pressuposto* necessário a partir do qual se “poderia pensar” na primeira greve de massas na Alemanha. Só que o andamento real e natural dos fenômenos pode ser inverso:

apenas pela ação da greve de massas forte e espontânea pode o direito de coligação dos ferroviários e dos empregados do correio ser efetivamente concedido a eles. E a tarefa insolúvel nas condições vigentes na Alemanha repentinamente encontrará suas possibilidades e sua solução sob a pressão de uma generalizada ação política de massas, e a partir da impressão que se venha a ter dela.

E por fim, a maior e mais importante: a miséria dos *trabalhadores rurais*. É um fenômeno compreensível que os sindicatos ingleses sejam formatados exclusivamente para o trabalhador industrial, dado o caráter específico da economia política inglesa bem como o papel diminuto da agricultura em toda a sua vida econômica. Na Alemanha uma organização sindical, ainda que brilhantemente estruturada, se compreende apenas os trabalhadores industriais e é inacessível a todo o grande exército dos camponeses, ela apresenta uma imagem parcial e pouco nítida da situação do proletariado como um todo. Por sua vez, porém, seria uma ilusão desastrosa acreditar que as condições no meio rural sejam imutáveis e imóveis, que tanto o trabalho de esclarecimento incansável da social -democracia, bem como toda a política interna de classes na Alemanha não estariam continuamente minando a passividade externa dos trabalhadores rurais, e que também não se inflamaria o proletariado rural em alguma grande ação de classes, geral, do proletariado industrial, independente do fim para o qual ela tivesse sido realizada. Mas por ora isso naturalmente não se pode manifestar diferentemente de uma luta econômica geral tumultuosa, de enormes greves de massas dos trabalhadores rurais. Assim, a imagem da alegada superioridade econômica do proletariado alemão sobre o russo se desloca significativamente quando mudamos o olhar da tabela dos setores industriais e manufatureiros organizados em sindicatos para aqueles grandes grupos do proletariado que se encontram inteiramente fora da luta sindical, ou cuja situação econômica particular não se pode encaixar no estreito quadro da pequena guerra sindical cotidiana. Vemos então uma área potencial, uma após a outra, onde as contradições chegaram ao ápice, onde há combustível sobrando, onde se encontra muito “absolutismo russo” na forma mais nua e crua, e onde os acertos de contas mais elementares com o capital ainda precisam ser revistos.

Todas essas velhas contas teriam que ser invariavelmente apresentadas ao sistema dominante em uma ação política de massas geral do proletariado. Entretanto, uma manifestação eventual arranjada artificialmente pelo proletariado urbano, uma ação de greve de massas realizada apenas por disciplina e sob a batuta da direção do partido poderia deixar as camadas populares mais amplas frias e indiferentes. Já uma ação de luta verdadeira, forte e audaciosa do proletariado industrial, nascida de uma situação revolucionária, certamente influenciaria as camadas inferiores e levaria a uma tumultuosa luta econômica geral justamente todos aqueles que, em tempos tranquilos e normais,

encontram-se ao largo da luta sindical diária. Voltemos porém às tropas de frente do proletariado industrial alemão organizado e tenhamos perante os olhos, por outro lado, os objetivos hoje defendidos pelo operariado russo na luta econômica; constatamos que não se tratam de anseios que os mais antigos sindicatos alemães devam olhar com desprezo. Assim, a reivindicação geral mais importante das greves russas desde 22 de janeiro de 1905, a jornada de trabalho de oito horas, não é certamente um ponto de vista ultrapassado para o proletariado alemão, sendo antes, na maioria dos casos, um belo e distante ideal. O mesmo vale para a luta contra o “ponto de vista do senhor da casa”, para a luta pela introdução dos comitês de trabalhadores em todas as fábricas, pelo fim do trabalho por turnos, pelo fim do trabalho doméstico na manufatura, pela realização completa do descanso dominical, pelo reconhecimento do direito de coligação. Sim, quando se observa mais de perto, todos os objetos da luta econômica do proletariado russo na atual revolução também são bastante atuais para o proletariado alemão e tocam diversas feridas da existência operária. Disso decorre, sobretudo, que a pura greve política de massas, com a qual se costuma operar preferencialmente, é também para a Alemanha apenas um esquema teórico despido de vida. Se as greves de massas nascerem, por um caminho natural, de uma forte fermentação revolucionária como uma luta política decidida do operariado urbano, elas irão, de forma tão natural quanto na Rússia, transformar-se em todo um período de lutas econômicas elementares. Ou seja, as preocupações dos líderes sindicais, de que a luta pelos interesses econômicos em um período de lutas políticas tumultuosas, em um período de greves de massas, poderia simplesmente ser posta de lado e reprimida, assentam numa concepção primária, que paira no ar, do andamento das coisas. Um período revolucionário alteraria, mesmo na Alemanha, o caráter da luta sindical e poderia potenciá-la em tal medida, que a atual guerra de guerrilha dos sindicatos seria uma brincadeira de crianças diante daquela. E, por outro lado, essa simples tormenta de greves de massas econômicas estimularia e daria novas forças à luta política. A interação entre a luta política e econômica, que constitui por assim dizer a mola propulsora das atuais greves de massas na Rússia e, ao mesmo tempo, o mecanismo regulador da ação revolucionária do proletariado, também seria na Alemanha consequência natural da própria situação.

VI

Ligado a isso, a questão da organização também adquire, em sua relação com o problema da greve de massas na Alemanha, uma feição essencialmente diferente. A posição de alguns líderes sindicais quanto à questão costuma esgotar -se na afirmação: “Ainda não somos fortes o suficiente para arriscar uma prova de forças tão ousada como a greve de massas”. Ora, essa posição é insustentável na medida em que se trata de uma tarefa insolúvel constatar por meio de um cálculo numérico, tranquilo, quando o proletariado “estará suficientemente forte” para alguma luta. Há trinta anos os sindicatos alemães contavam 50 mil membros. Aparentemente, esse era um número com o qual, de acordo com a escala acima, não se poderia pensar em uma greve de massas. Quinze anos depois os sindicatos estavam quatro vezes mais fortes e contavam 237 mil membros. Se, entretanto, naquela época alguém tivesse perguntado a algum dos atuais líderes sindicais se, agora, a organização do proletariado estaria madura para uma greve de massas, eles certamente teriam respondido que ainda estaria longe de ser o caso, e que os trabalhadores sindicalmente organizados precisariam, primeiro, contar milhões. Hoje, os membros sindicais organizados já atingem dois milhões, mas a ótica de seus líderes ainda é exatamente a mesma, e isso pode continuar indefinidamente. Com isso se pressupõe, implicitamente, que toda a classe trabalhadora alemã, até o último homem e a última mulher, tem de ser incorporada à organização antes que se “esteja suficientemente forte” para ousar uma ação de massas que então, de acordo com a velha fórmula, provavelmente também se mostraria “supérflua”. Essa teoria, entretanto, é completamente utópica pelo simples motivo de que sofre de uma contradição interna, gira em círculos. Os trabalhadores devem, antes que possam dar início a qualquer luta de classes direta, estar todos organizados. Mas a situação, as condições do desenvolvimento capitalista e do Estado burguês, fazem com que no andamento “normal” das coisas, sem fervorosas lutas de classe, determinadas camadas – e justamente a maioria, as mais importantes, as inferiores²⁸, as camadas do proletariado mais reprimidas pelo Estado e pelo capital – não conseguem se organizar. Afinal vemos até mesmo na Inglaterra que todo um século de trabalho sindical incansável sem quaisquer “interrupções” – a não ser no início do período do movimento cartista –, sem quaisquer desvios ou atrativos “revolucionários românticos”, não conseguiu chegar mais longe do que organizar uma *minoría* das camadas mais bem -situadas do proletariado. No entanto, por outro lado, os sindicatos, assim como todas as organizações de luta do proletariado, não podem manter -se duradouramente a não ser justamente na luta, e não no sentido apenas da guerra de gato e rato nas

²⁸ 1ª edição: as mais inferiores.

águas paradas do período parlamentar -burguês, mas antes no sentido de períodos turbulentos e revolucionários da luta de massas. O entendimento rígido, mecânico -burocrático, só admite a luta como produto da organização que atinja uma certa força. O desenvolvimento dialético vivo leva, ao contrário, à organização como produto da luta. Já vimos um exemplo grandioso desse fenômeno na Rússia, onde um proletariado nada organizado conseguiu, em um ano e meio de luta revolucionária tumultuosa, criar uma rede abrangente de bases organizativas. Outro exemplo desse tipo é mostrado pela própria história dos sindicatos alemães. No ano de 1878 o número de membros sindicais era de 50 mil. De acordo com a teoria dos atuais líderes sindicais essa organização não era, como foi dito, nem de longe “suficientemente forte” para assumir uma luta política turbulenta. Os sindicatos alemães, porém, por mais fracos que fossem naquela época, *assumiram* a luta – a saber, a luta contra a lei socialista, – e não apenas se mostraram “suficientemente fortes” para deixar a luta como vencedores mas, também, quintuplicaram sua força; após a queda da lei socialista, no ano de 1891, eles abrangiam 277.659 membros. No entanto, o método, de acordo com o qual os sindicatos venceram na luta contra a lei socialista, não corresponde ao ideal de um desdobramento ininterrupto, pacífico, organizado; começaram por cair durante a luta, para, então, dela saírem na vaga seguinte e renascerem. Este é, porém, o método específico de crescimento correspondente às organizações da classe proletária: se colocar à prova na luta e dela ressurgir transformadas. Depois de um exame mais minucioso das condições alemãs e da situação das diferentes camadas de trabalhadores está claro que o período vindouro de tumultuosas lutas políticas de massas já não traria consigo o declínio esperado que ameaçava os sindicatos alemães, mas, pelo contrário, perspectivas ainda insuspeitadas de uma expansão rápida e crescente de sua esfera de poder. Essa questão, aliás, tem também um outro lado. O plano de realizar greves de massas como sérias ações políticas de classe apenas com trabalhadores organizados é, de modo geral, algo inteiramente patético. Se a greve de massas ou, antes, se as greves de massas, se a luta de massas deve obter sucesso, ela precisa tornar-se um verdadeiro *movimento popular*, isto é, trazer as camadas mais amplas do proletariado para a luta. – Já na forma parlamentar o poder da luta de classes proletária não reside sobre um pequeno núcleo organizado, mas sobre a periferia circundante, ampla do proletariado revolucionariamente orientado. Se a social -democracia, com os seus parques cem mil organizados, apenas quisesse tomar parte nas batalhas eleitorais, ela se condenaria à nulidade. E mesmo que seja uma tendência da social -democracia fazer entrar quase a totalidade do seu grande exército de eleitores na organização partidária, uma experiência de trinta anos de social -democracia mostra que sua massa eleitoral não se expande pelo crescimento da organização partidária, mas, pelo contrário,

são as novas camadas do operariado conquistadas na luta eleitoral que constituem a terra cultivável para a semente organizativa seguinte. Também aqui não é apenas a organização que fornece as tropas combatentes, mas é a luta que fornece em medida muito mais elevada²⁹ as tropas de recrutas para a organização. O mesmo se aplica evidentemente à ação política de massas direta em grau muito mais elevado do que à luta parlamentar. Se a social -democracia, como núcleo organizado da classe trabalhadora, é a tropa de frente que lidera todo o povo trabalhador, e se também a clareza política, a força, a unidade do movimento operário f l u i justamente a partir dessa organização, então o movimento de classes do proletariado jamais pode ser entendido como movimento da minoria organizada. Qualquer luta de classes realmente grande precisa alicerçar -se no apoio e na participação das massas mais amplas, e uma estratégia da luta de classes que não conte com essa participação e que apenas tenha sido traçada com vistas às marchas belamente realizadas pela pequena parcela do proletariado de caserna, estará condenada de antemão ao fiasco. As greves de massas, as lutas políticas de massas na Alemanha não podem, de modo algum, ser levadas apenas pelos {trabalhadores} organizados nem dirigidas por uma “liderança” categórica da central partidária. Nesse caso depende -se novamente – assim como na Rússia – não tanto de “disciplina”, da “formação”, e do prognóstico detalhado das questões de apoio e de custo, mas muito mais de uma ação de classes realmente revolucionária, decidida, que esteja em condições de ganhar e levar consigo os círculos mais amplos de massas proletárias não organizadas que são revolucionárias por sua disposição e situação. Superestimar e avaliar erroneamente o papel da organização na luta de classes do proletariado costuma ser complementado pelo desdém pela massa proletária desorganizada e pela sua imaturidade política. Num período revolucionário, na tempestade de grandes e mobilizadoras lutas de classes se mostra o efeito educador do rápido desenvolvimento capitalista e a influência da social-democracia sobre as amplas camadas populares; em tempos calmos as tabelas das organizações e as próprias estatísticas das eleições só dão uma pálida ideia disso. Vimos que na Rússia, há cerca de dois anos, do menor e restrito conflito dos trabalhadores com o empresariado, da menor brutalidade local dos órgãos de governo, pode surgir de pronto uma ação geral e grande do proletariado. Todos veem e consideram isso natural, pois na Rússia existe “a revolução”. Mas o que isso significa? Significa que o sentimento de classe, o instinto de classe está bastante vivo entre o proletariado russo, de modo que qualquer questão restrita de algum pequeno grupo de trabalhadores é imediatamente sentida como uma questão geral, como um assunto de classe, e que a reação envolve todos, sendo rápida e certa.

²⁹ 1ª edição: maior.

Enquanto na Alemanha, França, Itália, Holanda os mais fervorosos conflitos sindicais não provocam nenhuma ação geral da classe trabalhadora – nem mesmo da parcela organizada –, na Rússia o menor motivo desencadeia toda uma tempestade. Mas isso só quer dizer – por mais paradoxal que possa soar – que atualmente o instinto de classe entre o proletariado russo jovem, desqualificado, fracamente esclarecido e ainda mais fracamente organizado é infinitamente mais forte do que entre o operariado organizado, qualificado e esclarecido da Alemanha ou de qualquer outro país da Europa Ocidental. E essa não é uma virtude particular do “oriente jovem e inexperiente” em comparação com o “ocidente apodrecido”, mas o simples resultado da ação de massas revolucionária direta. Entre o trabalhador alemão esclarecido a consciência de classe plantada pela social-democracia é *teórica, latente*: no período de dominação do parlamentarismo burguês, ela geralmente não pode atuar como ação de massas direta; aqui é a soma ideal das quatrocentas ações paralelas das zonas eleitorais durante a luta eleitoral, das numerosas e parciais lutas econômicas, e similares. Na revolução, onde a massa propriamente dita aparece na praça política, a consciência de classe se torna *prática, ativa*. Por isso, um ano de revolução deu ao proletariado russo aquela “instrução” que trinta anos de luta sindical e parlamentar não puderam dar artificialmente ao proletariado alemão. De fato esse vivo e ativo sentimento de classe do proletariado pode também na Rússia esvair-se após o término do período revolucionário e a instituição de um Estado de direito burguês-parlamentar ou, antes, transformar-se numa consciência oculta, latente. Igualmente certo é que, inversamente, na Alemanha um período de forte ação política pode atingir as camadas mais amplas e mais profundas do proletariado, tanto mais rápido e mais poderosamente quanto maior for o trabalho educativo realizado pela social-democracia até então. Esse trabalho educativo, bem como o efeito provocador e revolucionário de toda a política alemã atual, irá expressar-se em que, durante um primeiro período revolucionário sério, a bandeira da social-democracia repentinamente será seguida por todas aquelas multidões que agora, em uma aparente estupidez política, são insensíveis a todas as tentativas de organização dos sindicatos e da social-democracia. Um período revolucionário de seis meses concluirá a tarefa com a qualificação dessas massas ora desorganizadas, que dez anos de assembleias populares e distribuição de panfletos não foram capazes de fazer. E quando a situação na Alemanha tiver atingido o grau de maturidade necessário a um período desses, as camadas hoje desorganizadas e mais atrasadas formarão naturalmente o elemento mais radical, mais destemido, e não aquele que apenas é carregado. Caso se chegue a greves de massas na Alemanha, então quase certamente não serão os mais bem organizados – certamente não serão os tipógrafos –, porém os mais mal ou nada organizados, os mineiros, os trabalhadores têxteis, talvez até mesmo os trabalhadores

do campo, que desenvolverão a maior capacidade de ação. Desse modo, na Alemanha chegamos às mesmas conclusões que obtivemos quando da análise dos acontecimentos russos no que se refere às verdadeiras tarefas da *direção*, ao papel da social- democracia diante das greves de massas. Pois então deixemos o esquema pedante de uma greve de massas apenas de protesto, artificialmente comandada pelo partido e pelo sindicato e executada pela minoria organizada e voltemo-nos para a imagem viva de um verdadeiro movimento popular que se origina com força elementar do extremo acirramento das oposições de classe e da situação política, que irrompe em tumultuosas lutas de massas, quer econômicas, quer políticas, em greves de massas; então a tarefa da social -democracia não consistirá evidentemente na preparação e na direção técnica da greve de massas, mas sobretudo na *liderança política* de todo o movimento.

A social-democracia é a vanguarda mais esclarecida, mais consciente do proletariado. Ela não pode e nem deve esperar, de modo fatalista e de braços cruzados, pela chegada da “situação revolucionária”, esperar que o movimento popular espontâneo caia do céu. Pelo contrário, ela precisa, como sempre, *preceder* o desenvolvimento das coisas, procurar *acelerá-las*. Não o conseguirá lançando de repente a torto e a direito a “palavra de ordem” de greve de massas, mas antes explicando às mais amplas camadas do proletariado a irremediável *chegada* deste período revolucionário, os *fatores sociais* internos que a ele conduzem, e suas *consequências políticas*. Caso se queira ganhar amplas camadas proletárias para uma ação política de massas da social-democracia e, inversamente, caso queira a social-democracia assumir e manter a verdadeira direção do movimento de massas, dominar todo o movimento *no sentido político*, então ela precisa com toda clareza, consequência e determinação, delimitar para o proletariado alemão a *tática* e os *objetivos* para o período das batalhas vindouras.

VII

Vimos que a greve de massas na Rússia não constitui um produto artificial de uma tática proposital da social -democracia, mas um fenômeno histórico natural no terreno da atual revolução. Então quais são os elementos que, na Rússia, trouxeram à tona essa nova forma de surgimento da revolução?

A revolução russa tem como tarefa imediata a eliminação do absolutismo e a produção de um moderno Estado de direito burguês-parlamentar. Formalmente é a mesma tarefa que estava colocada, na Alemanha, à revolução de março, e na França, às grandes revoluções ao final do século XVIII.

Apenas as condições, o contexto histórico, nos quais essas revoluções formalmente análogas ocorreram, são fundamentalmente diferentes da Rússia atual. O decisivo é a circunstância de que entre aquelas revoluções burguesas no ocidente e as atuais revoluções burguesas no oriente transcorreu todo o ciclo de desenvolvimento capitalista. E esse desenvolvimento não atingiu apenas os países europeu -ocidentais, mas também a Rússia absolutista. A grande indústria, com todas as suas consequências, a moderna divisão de classes, os bruscos contrastes sociais, a moderna vida na cidade grande e o proletariado moderno tornaram -se, na Rússia, a forma de produção dominante, isto é, decisiva para o desenvolvimento social. Disso, porém, originou -se a curiosa e contraditória situação histórica de que, de acordo com suas tarefas formais, a revolução burguesa deve, primeiro, ser realizada por um proletariado moderno, com consciência de classe e num contexto internacional que se encontra sob o signo da decadência da democracia burguesa. A burguesia agora não é o elemento de liderança, revolucionário, como nas revoluções anteriores do ocidente, enquanto a massa proletária, dissolvida na pequena -burguesia, presta serviços militares à burguesia, mas, inversamente, o proletariado com consciência de classe é o elemento propulsor e líder, enquanto as camadas da grande burguesia são em parte diretamente contrarrevolucionárias, em parte debilmente liberais, e apenas a pequena -burguesia rural, ao lado da *intelligentsia* pequeno-burguesa urbana, são decididamente opositores e até revolucionárias. O proletariado russo, porém, que esteve tão determinado a ocupar um papel dirigente na revolução burguesa, adentra a luta livre de todas as ilusões da democracia burguesa, mas, em compensação, com uma consciência fortemente desenvolvida dos interesses de classe próprios, específicos, diante da oposição bastante acirrada entre capital e trabalho. Essa relação contraditória encontra sua expressão no fato de que nessa revolução formalmente burguesa a oposição entre a sociedade burguesa e o absolutismo é dominada pela oposição entre o proletariado e a sociedade burguesa, de que a luta do proletariado se volta com a mesma força e simultaneamente contra o absolutismo e contra a exploração capitalista, de que o programa das lutas revolucionárias volta -se com a mesma ênfase para a liberdade política e para a conquista da jornada de trabalho de oito horas, bem como para uma existência material humanamente digna para o proletariado. Esse caráter ambíguo da Revolução Russa se expressa naquela ligação e interação interna da luta econômica com a luta política, que conhecemos com base nos acontecimentos na Rússia, e que encontraram sua expressão correspondente na greve de massas.

Nas revoluções burguesas anteriores, onde de um lado a instrução política e a liderança da massa revolucionária eram arranjadas pelos partidos burgueses e onde, de outro lado, tratava -se da derrubada nua e crua do antigo governo, a breve batalha de barricadas era a forma cabível da luta

revolucionária. Hoje, quando a classe trabalhadora esclarece a si própria no decorrer da luta revolucionária, precisa juntar e liderar a si própria, e onde a revolução, por sua vez, está voltada tanto contra o antigo poder de Estado quanto contra a exploração capitalista, a greve de massas parece o meio natural de recrutar, revolucionar e organizar as mais amplas camadas proletárias durante a ação propriamente dita, assim como é ao mesmo tempo um meio de minar e derrubar o antigo poder de Estado, bem como limitar a exploração capitalista. O proletariado industrial urbano é, agora, a alma da revolução na Rússia. Mas para levar a cabo alguma ação política direta como massa, o proletariado precisa, primeiramente, unir-se em massa, e para tanto é preciso, sobretudo, sair das fábricas e oficinas, dos túneis e dos casebres, precisa superar a pulverização e o esfacelamento das oficinas individuais, a que está condenado pelo jugo diário do capital. A greve de massas é, assim, a primeira forma natural, impulsiva de toda grande ação revolucionária do proletariado, e quanto mais a indústria se torna a forma dominante da economia social, tanto mais o proletariado desempenha um papel extraordinário na revolução, e quanto mais desenvolvida a oposição entre trabalho e capital, tanto mais poderosas e decisivas precisam se tornar as greves de massas. A incipiente forma de luta das revoluções burguesas, a batalha de barricadas, o encontro aberto com os poderes armados do Estado, é, na revolução atual, apenas um evento externo, apenas um momento de todo o processo da luta proletária de massas. E, com isso, na nova forma da revolução também se atinge aquela civilização e a moderação das lutas de classes que foi profeticamente prevista pelos oportunistas da social-democracia alemã, pelos Bernstein, David, entre outros. Eles enxergavam, de fato, o desejo de moderar e civilizar a luta de classes no espírito das ilusões democráticas pequeno-burguesas em que a luta de classes estaria limitada exclusivamente à luta parlamentar, e a revolução de rua simplesmente seria eliminada. A história encontrou a solução de um modo um pouco mais profundo e sutil: no avanço da greve revolucionária de massas, que certamente não substitui e não torna supérflua a luta de ruas nua e crua, mas apenas a reduz a um momento do longo período de lutas políticas, e ao mesmo tempo liga o período revolucionário a um enorme trabalho civilizador, no sentido mais preciso do termo: a elevação material e espiritual de toda a classe trabalhadora mediante a “civilização” das formas bárbaras de exploração capitalista. Assim, a greve de massas prova ser não um produto especificamente russo, originado do absolutismo, mas uma forma geral da luta de classes proletária, que se origina do estágio atual do desenvolvimento capitalista e das relações de classe. As três revoluções burguesas: a grande Revolução Francesa, a Revolução de Março alemã e, agora, a Russa constituem, desse ponto de vista, uma corrente de desenvolvimento contínuo, na qual se espelham o êxito e o fim do século capitalista. Na grande Revolução Francesa, as contradições internas da

sociedade capitalista, ainda não inteiramente desenvolvidas, durante um longo período dão espaço a lutas violentas, em que todos aqueles contrastes que nasceram e amadureceram rapidamente no calor da revolução se exaurem desimpedidos e desobrigados, com um radicalismo audacioso. Meio século depois, a revolução da burguesia alemã que eclodiu a meio caminho do desenvolvimento capitalista é minada pela oposição de interesses e pelo equilíbrio de forças entre capital e trabalho e sufocada por um compromisso burguês –feudal, abreviada em seu andar³⁰ a um episódio curto e lamentável. Mais meio século, e a atual Revolução Russa encontra –se em um ponto histórico do caminho, que já avançou para além da montanha, para além do cume da sociedade capitalista, onde a revolução burguesa não pode mais ser sufocada pelo contraste entre burguesia e proletariado, porém, inversamente, desdobra –se em um novo e longo período de lutas sociais das mais violentas, nas quais acertar a antiga conta com o absolutismo parece um detalhe diante das muitas novas contas que a própria revolução abre. A atual revolução aufere assim, na questão particular da Rússia absolutista, ao mesmo tempo os resultados gerais do desenvolvimento capitalista internacional; aparece menos como herdeira da antiga revolução burguesa do que como precursora da nova série de revoluções proletárias do ocidente. Justamente por ter se atrasado tanto com sua revolução burguesa, o país mais atrasado mostra ao proletariado alemão e ao proletariado dos países capitalistas mais avançados caminhos e métodos para continuar a luta de classes. Também desta perspectiva parece inteiramente errôneo enxergar de longe a Revolução Russa como um belo espetáculo, como algo especificamente “russo”, e no máximo admirar o heroísmo dos lutadores, isto é, os acessórios externos da luta. Mais importante é que os trabalhadores alemães aprendam a enxergar a Revolução Russa como *seu próprio problema*, não apenas no sentido da solidariedade internacional de classes com o proletariado russo, mas sobretudo como *um capítulo da sua própria história política e social*. Aqueles líderes sindicais e parlamentares, que enxergam o proletariado alemão como “muito fraco” e as condições alemãs como imaturas para lutas de massas revolucionárias, aparentemente não fazem ideia de que a medida do grau de maturidade da correlação de classes na Alemanha e do poder do proletariado não se encontra nas estatísticas dos sindicatos alemães nem nas estatísticas eleitorais, mas – nos acontecimentos da Revolução Russa. Assim como a maturidade dos conflitos de classe franceses sob a Monarquia de Julho e da batalha de junho de Paris se refletiam na Revolução de Março alemã, em seu andamento e em seu fiasco, hoje a maturidade dos conflitos de classe alemães se espelham nos acontecimentos, no poder da Revolução Russa. Os burocratas do movimento operário alemão procuram a prova da força

³⁰ 31.ª edição: na metade.

e da maturidade deste nas gavetas de suas repartições sem verem que o que procuram está debaixo dos olhos, numa grande revelação histórica; historicamente, a Revolução Russa é o reflexo do poder e da maturidade do movimento operário internacional e, portanto, em primeiro lugar do movimento operário alemão. Por isso, seria um resultado lamentável, grotescamente pequeno da Revolução Russa, se o proletariado alemão apenas quisesse tirar a lição de que – como querem os companheiros Frohme, Elme e outros – dela deve –se tomar emprestada a forma exterior da luta, a greve de massas, e torná-la um canhão de reserva para o caso de ser abolido o direito de voto para o Reichstag, ou seja, torná-la inofensiva, como meio passivo da defesa parlamentar. Se nos for retirado o direito de voto para o Reichstag, nos defenderemos. Essa é uma decisão completamente óbvia. Mas para essa decisão não é necessário assumir a pose heróica de um Danton, como fez por exemplo o companheiro Elm em Jena³¹, pois a defesa dos modestos direitos parlamentares que já possuímos não é nenhuma novidade estrondosa, para cujo estímulo necessitou –se primeiro das terríveis hecatombes da Revolução Russa, mas trata –se da primeira e mais simples obrigação de qualquer partido de oposição. Em período revolucionário a política do proletariado jamais deveria acabar em simples defensiva. E se, de um lado, é difícil prever com certeza se a abolição do sufrágio universal na Alemanha se daria numa situação que provocasse necessariamente uma imediata ação de greve de massas, por outro lado é completamente certo que, assim que na Alemanha tivermos adentrado um período de tumultuosas ações de massas, a social –democracia não poderá definir sua tática apenas com vistas à defesa parlamentar. Definir de antemão a ocasião e o momento em que devem eclodir as greves de massas na Alemanha, encontra –se além do poder da social –democracia, pois está além de seu poder provocar situações históricas por meio de resoluções dos Congressos partidários. Mas o que ela pode e precisa, é, uma vez que essas lutas se iniciem, deixar claras suas linhas políticas e formulá-las em uma tática consequente e determinada. Não se mantêm os fenômenos históricos sob controle ao fazer-lhes prescrições, mas ao antecipar a consciência acerca das consequências prováveis e calculáveis, e orientar seu próprio modo de ação de acordo com elas. O perigo político iminente e ameaçador, para o qual o movimento operário alemão se prepara há uma série de anos, é um golpe de Estado da reação, que quisesse tirar o direito político mais importante, o direito de voto para o Reichstag, das mais amplas camadas da massa popular trabalhadora. Apesar do monstruoso impacto

³¹ No Congresso da Social –Democracia Alemã, de 17 a 23 de setembro de 1905, em Jena, Adolf von Elm havia explicado que, no caso de abolição do direito de voto para o Reichstag pela classe dominante, o proletariado se defenderia e “colocaria sua vida em risco pela liberdade”. (Protocolo sobre as negociações do Congresso do Partido Social –Democrata Alemão. Realizado em Jena de 17 a 23 de setembro de 1905, 1905, p.332.)

desse fenômeno eventual, como foi dito, é impossível afirmar de maneira categórica que imediatamente após o golpe de Estado eclodirá um movimento popular aberto na forma de greves de massas, pois hoje nos são desconhecidos todos aqueles incontáveis fatores e condições que concorrem para o contexto de um movimento de massas. Só que quando se considera o atual acirramento extremo das condições na Alemanha e, por outro lado, os múltiplos reflexos internacionais da Revolução Russa e, ainda, da futura Rússia renovada, então fica claro que a guinada na política alemã, que decorreria da abolição do direito de voto para o Reichstag, não poderia parar apenas na luta por esse direito eleitoral. Esse golpe de Estado teria de trazer consigo num prazo maior ou menor, com poder elementar, um grande e generalizado acerto de contas com a reação por parte das massas populares indignadas e enfurecidas – um acerto de contas contra o preço escorchantes do pão, contra o encarecimento artificial da carne, contra a exploração incessante por parte do militarismo e do marinismo, contra a corrupção da política colonial, contra a vergonha nacional dos processos de Königsberg³², contra a paralisação da reforma social, contra a usurpação dos direitos dos ferroviários, dos funcionários do correio e dos camponeses, contra a enganação e satirização dos mineiros, contra a decisão de Löbtau³³ e contra toda a justiça de classes [*Klassenjustiz*], contra o brutal sistema de locaute – em suma, contra toda a pressão de vinte anos da dominação coligada dos *junkers* do leste do Elba e do grande capital cartelizado. Uma vez que a pedra comece a rolar, queira ou não a social-democracia, ela não pode mais ser parada. Os adversários da greve de massas costumam refutar as lições e os exemplos da revolução como não sendo uma referência para a Alemanha, sobretudo porque na Rússia precisava ser realizado o primeiro grande salto de um despotismo oriental para uma moderna ordem jurídica burguesa. A distância formal entre a nova e a antiga ordem política deve servir como explicação suficiente para a veemência e a violência da revolução na Rússia. Na Alemanha, há muito temos as formas e as garantias mais essenciais do estado de direito, o que torna impossível um alvoroço tão elementar dos conflitos sociais. Aqueles que especulam esquecem que na Alemanha, em compensação, uma vez que se chegue à eclosão de lutas políticas abertas, o fim historicamente condicionado será completamente diferente do de hoje na Rússia. Justamente por existir na Alemanha há muito a ordem jurídica burguesa, por ela ter tido tempo de se esgotar por completo e rumar para o seu declínio, por terem tido a democracia burguesa e o liberalismo tempo de

³² De 12 a 25 de julho de 1904 ocorreu em Königsberg um processo contra nove social-democratas alemães, que estavam sendo acusados de transportarem ilegalmente para a Rússia textos contra o tsarismo. Karl Liebknecht, como um dos defensores, desmontou o trabalho conjunto das autoridades prussianas e tsaristas.

³³ Em fevereiro de 1899, em Löbtau, próximo a Dresden, nove trabalhadores do setor de construção foram condenados ao total de 61 anos de prisão, por haverem protestado contra o fato de que, numa construção vizinha, se trabalhava além do tempo de trabalho fixado.

se extinguirem, não se pode mais falar de uma revolução *burguesa* na Alemanha. E, por isso, num período de lutas populares políticas abertas na Alemanha, o fim histórico necessário só pode ser a *ditadura do proletariado*. Porém, a distância que existe na Alemanha entre essa tarefa e as atuais condições é ainda maior do que a da ordem jurídica burguesa em relação ao despotismo oriental, e por isso essa tarefa também não pode ser cumprida de uma só vez, mas apenas em um longo período de gigantescas lutas sociais. Mas não há uma contradição crassa nas perspectivas que traçamos?

De um lado se diz que, em um eventual e futuro período de ações políticas de massas, sobretudo as camadas mais atrasadas do proletariado alemão, os trabalhadores rurais, os ferroviários, os escravos dos correios é que irão conquistar seu direito de coligação, e que os piores resultados da exploração ainda terão de ser eliminados; por outro lado, a tarefa política desse período já deve ser a conquista política do poder por parte do proletariado! De um lado lutas econômicas e sindicais pelos interesses imediatos, pela melhora material da classe trabalhadora, de outro, o fim último mais extremo da social-democracia! Decerto, são contradições crassas, mas não contradições de nosso raciocínio, e sim contradições do desenvolvimento capitalista. Ele não se dá numa bela linha reta, mas num zigue - zague grosseiro, similar a um raio. Assim como os diferentes países capitalistas apresentam os mais diversos estágios de desenvolvimento, no interior de cada país o mesmo vale para as diferentes camadas da mesma classe trabalhadora. Mas a história não espera pacientemente, até que os primeiros países e camadas retardatários tenham alcançado os mais avançados, para que o todo possa continuar seu movimento como uma coluna robusta e simétrica. Assim que as condições atingem a maturidade exigida, ela já provoca explosões nos pontos mais exponenciais, que se encontram mais à frente, e em poucos dias e meses de tempestade revolucionária se recupera tudo que fora perdido, o desigual é igualado, com um tranco todo o progresso social é colocado em marcha acelerada. Como na Revolução Russa, todos os estágios de desenvolvimento e interesses das diferentes camadas de trabalhadores são unificados no programa social -democrata da revolução, e as incontáveis lutas restritas são unificadas na grande ação comum de classe do proletariado, assim também será na Alemanha, quando as condições estiverem maduras para tanto. E então será tarefa da social -democracia orientar sua tática não de acordo com as fases mais retardatárias do desenvolvimento, mas de acordo com as mais avançadas.

VIII

A exigência mais importante do grande período de lutas que virá mais cedo ou mais tarde, e que aguarda a classe trabalhadora alemã, é, ao lado de uma tática plenamente resoluto e consequente, a maior capacidade de ação possível, ou seja, a maior unidade possível da parte da social -democracia que lidera a massa proletária. Enquanto isso, até mesmo as primeiras e mais fracas tentativas de preparação de uma ação de massas maior logo descobriram um dos mais importantes infortúnios nesse sentido: a separação total e a autonomização das duas organizações do movimento operário, a social -democracia e os sindicatos. Quando observamos atentamente as greves de massas na Rússia bem como a situação na própria Alemanha, vemos claramente que qualquer ação de massas maior, caso não queira restringir -se a uma manifestação única, mas deva tornar -se uma verdadeira ação de luta, não pode ser pensada como uma assim chamada greve política de massas. Em uma ação desse tipo na Alemanha os sindicatos e a social-democracia participariam em igual medida. Isso se daria não porque, como pensam os líderes sindicais, a social -democracia, diante de sua organização muito menor, depende da participação do 1¼ milhão de sindicalizados e nada pode conseguir “sem eles”, mas antes por um motivo bem mais profundo: toda ação direta de massas ou período de lutas de classes abertas seria, ao mesmo tempo, uma luta política e econômica. Caso na Alemanha por algum motivo e em algum ponto se chegue a grandes lutas políticas, a greves de massas, isso ao mesmo tempo inaugurará uma era de enormes lutas sindicais na Alemanha, sem que os acontecimentos perguntem se os líderes sindicais deram ou não sua benção³⁴ ao movimento. Caso eles se encontrem ao lado do movimento ou até mesmo queiram a ele contrapor -se, exatamente como os líderes partidários em caso análogo, o resultado desse comportamento será apenas um: a onda de acontecimentos jogará simplesmente os líderes sindicais³⁵ para o lado, e as lutas de massas políticas bem como econômicas serão travadas sem eles. De fato. A separação entre a luta política e a luta econômica e a autonomização de ambas nada mais é que um produto artificial, ainda que historicamente condicionado, do período parlamentar. De um lado, durante o andar tranquilo, “normal” da sociedade burguesa, a luta econômica é fragmentada, dissolvida em uma multiplicidade de lutas isoladas em cada empresa, em cada setor da produção. De outro, a luta política não é

³⁴ 1ª edição: sua concordância.

³⁵ 1ª edição: incluído “exatamente como os líderes partidários no caso análogo”.

direcionada pela própria massa para uma ação direta, mas, correspondentemente às formas do Estado burguês, para o caminho representativo, pela pressão exercida sobre os representantes do legislativo. Assim que tem início um período de lutas revolucionárias, isto é, assim que a massa aparece na arena, tanto a fragmentação da luta econômica quanto a forma parlamentar indireta da luta política caem por terra; em uma ação revolucionária de massas a luta política e a luta econômica são uma só, e a barreira artificial entre o sindicato e a social-democracia como duas formas separadas, completamente autônomas do movimento operário, é simplesmente varrida. Mas o que salta aos olhos no movimento revolucionário de massas também é uma situação real no período parlamentar. Não há duas diferentes lutas de classes da classe trabalhadora, uma econômica e outra política, mas há apenas *uma* luta de classes, orientada simultaneamente para a limitação da exploração capitalista no interior da sociedade burguesa e para a abolição da exploração junto com a sociedade burguesa.

Se no período parlamentar esses dois lados da luta de classes se separam por motivos técnicos, nem por isso representam duas ações que ocorrem paralelamente, mas apenas duas fases, dois estágios na luta emancipatória da classe trabalhadora. A luta sindical compreende os interesses do presente; a luta social -democrata, os interesses futuros do movimento trabalhador. Os comunistas, afirma o Manifesto Comunista, representam, diante de diferentes interesses de grupo (interesses locais, nacionais) dos proletários, os interesses comuns de todo o proletariado e, nos diferentes estágios de desenvolvimento da luta de classes, o interesse do movimento como um todo, isto é, os objetivos finais de libertação do proletariado. Os sindicatos representam³⁶ os interesses de grupo e um estágio de desenvolvimento do movimento operário. A social -democracia representa a classe trabalhadora e os seus interesses de libertação como um todo. A relação dos sindicatos com a social -democracia é, desse modo, a relação da parte com o todo, e quando entre os líderes sindicais encontra eco a teoria da “igualdade de condições” entre os sindicatos e a social -democracia, isso reside num mal -entendido fundamental acerca da essência propriamente dita dos sindicatos e de seu papel nas lutas gerais de libertação da classe trabalhadora. Essa teoria da ação paralela da social -democracia e dos sindicatos, e de sua “igualdade de condições”, não é, no entanto, inteiramente incorreta, possuindo suas raízes históricas. A saber, ela reside na ilusão do período “normal”, calmo da sociedade burguesa, no qual a luta política da social -democracia parecia desembocar na luta parlamentar. Porém, a luta parlamentar, a contraparte que complementa a luta sindical, é, tanto quanto esta, uma luta que ocorre exclusivamente no terreno da ordem social burguesa. Ela é, por sua natureza, trabalho de reforma política, como os sindicatos são trabalho de reforma econômica.

³⁶ 1ª edição: incluído “extamente como os líderes partidários no caso análogo”

Assim como esta, a luta parlamentar também é apenas uma fase, um estágio de desenvolvimento no todo da luta de classes proletária, cujos objetivos finais vão, em igual medida, além da luta parlamentar bem como da luta sindical. A social -democracia {em si} é, assim³⁷, o resumo tanto da luta parlamentar quanto da sindical, em uma luta de classes direcionada para a abolição da ordem social burguesa. A teoria da “igualdade de condições” dos sindicatos com a social-democracia é, portanto, não um mero mal-entendido teórico, não uma mera confusão, mas a expressão da conhecida tendência daquele flanco oportunista da social -democracia que, de fato, quer reduzir a luta política da classe trabalhadora à luta parlamentar, e quer transformar a social -democracia de um partido proletário em um partido reformista pequeno -burguês³⁸. Se a social -democracia quisesse aceitar a teoria dos sindicatos quanto à “igualdade de condições”, ela aceitaria com isso, de maneira indireta e tácita, aquela transformação que há tempos é visada pelos representantes da direção oportunista. Contudo, na Alemanha, uma tal mudança das relações no interior do movimento operário é menos viável do que em qualquer outro país. A relação teórica, de acordo com a qual os sindicatos são apenas uma parte da social -democracia, encontra justamente na Alemanha sua ilustração clássica nos fatos, na prática viva, e isso se manifesta em três direções. Primeiramente os sindicatos alemães são um produto direto da social -democracia; ela é que criou as {primeiras} bases do movimento sindical na Alemanha, ela é que os educou, ela continua fornecendo, até hoje, seus

³⁷ 1ª edição: incluído “agora”.

³⁸ Visto que a existência de uma tal tendência no interior da social -democracia alemã costuma ser negada, então precisa -se cumprimentar a franqueza com a qual, recentemente, a direção oportunista formulou os seus verdadeiros desejos e objetivos. Em uma assembleia partidária na cidade de Mainz, em 10 de setembro deste ano, a seguinte resolução apresentada pelo Dr. David foi aprovada: “Considerando que o partido social -democrata não entende o conceito de ‘revolução’ no sentido de uma derrubada violenta, mas no sentido pacífico de um desenvolvimento, isto é, do cumprimento gradual de um novo princípio econômico, a assembleia partidária aberta de Mainz declina qualquer ‘romantismo revolucionário’. A assembleia vê na conquista do poder político, nada além da conquista da maioria do povo para as ideias e reivindicações da social -democracia; uma conquista, que não pode acontecer com meios violentos, mas apenas pela revolução das mentes no caminho da propaganda intelectual e do trabalho prático de reforma em todos os domínios da vida política, social e econômica. Na certeza de que a social -democracia prosperará muito melhor com os meios legais do que ilegais e de derrubada, a assembleia rejeita a ‘ação de massas direta’ como princípio tático e se atém ao princípio da *ação parlamentar de reforma*, isto é, ela deseja que o partido continue se esforçando em *gradualmente alcançar nossos objetivos pelo caminho da legislação e do desenvolvimento orgânico*. O pressuposto fundamental desse método de luta reformista é, de fato, que a *possibilidade de participação da massa popular despossuída na legislação* não será reduzida no Reich e nos estados individuais, mas estendida até a *completa igualdade de condições*. Por esse motivo a assembleia considera um direito inalienável do operariado, para defender -se de atentados sobre seus direitos legais bem como para o alcance de outros direitos que, quando todos os outros meios falharem, também deve abster -se de trabalhar por menor ou maior período. Visto que a greve política de massas apenas poderá ser levada a cabo de maneira vitoriosa para o operariado quando ela se mantém nos trilhos estritamente legais e, por parte dos grevistas, não há um motivo justificado para a intervenção do poder armado, então a assembleia enxerga como único preparativo necessário e efetivo para fazer uso desse meio de luta a construção mais ampla das organizações políticas, sindicais e cooperativas. Pois apenas desse modo é que se pode criar na ampla massa popular os pressupostos que garantem o andamento bem -sucedido de uma greve de massas: disciplina consciente do fim e um apoio econômico adequado”.

dirigentes e os pilares mais ativos da organização. Em segundo lugar, os sindicatos alemães são um produto da social -democracia também no sentido de que a teoria social-democrática constitui a alma da prática sindical, os sindicatos deve sua superioridade sobre todos os sindicatos burgueses e confessionais à ideia da luta de classes; seus sucessos práticos e seu poder são um resultado da circunstância de que sua prática é iluminada pela teoria do socialismo científico, elevando -se acima dos rebaixamentos de um empirismo tacanho. A força da “política prática” dos sindicatos alemães reside em sua visão dos nexos sociais e econômicos mais profundos da ordem capitalista; essa visão eles devem a ninguém mais do que à teoria do socialismo científico, sobre a qual se apoiam em sua prática. Nesse sentido, quando os sindicatos procuram emancipar -se da teoria social -democrata, quando buscam outra “teoria sindical” em oposição à social -democracia, {essa procura é} do ponto de vista dos próprios sindicatos³⁹ nada mais do que uma tentativa de suicídio. A separação entre a prática sindical e a teoria do socialismo científico significaria, para os sindicatos alemães, uma perda imediata de toda superioridade diante de seus companheiros sindicais burgueses, uma queda de sua altura atual para o nível da intuição e do puro e tosco empirismo. Finalmente, em terceiro lugar, os sindicatos, cujos líderes gradualmente perderam a consciência disso, são também diretamente em sua força *numérica* um produto do movimento social -democrata e da agitação social -democrata⁴⁰. Alguns líderes sindicais costumam falar com algum triunfo da altura orgulhosa de seu 1¼ milhões e olhar para baixo diante do lamentável meio milhão de integrantes organizados da social -democracia, e lembrá -los daqueles tempos, há dez ou doze anos, em que, nas fileiras da social -democracia, ainda se pensava de maneira pessimista sobre as perspectivas do desenvolvimento sindical.

Eles sequer percebem que entre os dois fatos, o elevado número de membros sindicais e o baixo número daqueles organizados pela social -democracia, em certa medida *existe uma relação causal direta*. Milhares e milhares de trabalhadores não se filiam às organizações partidárias, justamente *porque* se filiam aos sindicatos. Teoricamente todos os trabalhadores precisariam estar duplamente organizados: participar de duas assembleias⁴¹, pagar contribuição em dobro, ler a imprensa operária⁴² em dobro etc. Para fazê -lo, entretanto, é necessário um elevado grau de inteligência, bem como aquele idealismo

³⁹ 1ª edição: incluído “e seu futuro”.

⁴⁰ 1ª edição: incluído “É certo que a agitação sindical em algumas regiões estava e está à frente da social -democrata, e em todo lugar o trabalho sindical prepara o terreno também para o trabalho partidário. Do ponto de vista de seu *efeito*, o partido e o sindicato trabalham um rumo ao outro. Apenas quando se conhece o retrato da luta de classes na Alemanha como um todo e seus nexos mais profundos, é que a relação se inverte profundamente”.

⁴¹ 1ª edição: ir a duas assembleias.

⁴² 1ª edição: ir a duas assembleias.

que, por um puro sentimento de obrigação para com o movimento operário, não foge de sacrifícios diários de tempo e dinheiro, finalmente também aquele interesse apaixonado pela pura vida interna⁴³ do partido que apenas pode ser satisfeito pela adesão à organização partidária. Tudo isso ocorre entre a minoria mais esclarecida e mais inteligente do operariado social -democrata nas cidades grandes, onde a vida partidária tem conteúdo e é atraente, onde o nível de vida do trabalhador é mais elevado. Mas nas camadas mais amplas da massa trabalhadora da cidade grande, bem como na província, nas menores aldeias, em que a vida política local é heterônoma, um mero reflexo dos processos da capital, em que a vida partidária, por conseguinte, também é pobre e monótona, onde, por fim, o nível de vida econômico do trabalhador é geralmente miserável, é muito difícil levar a cabo a dupla relação de organização.

Para aquele trabalhador da massa, que possui uma convicção social -democrática, a questão é solucionada por si mesma quando ele se filia a um sindicato. Afinal, ele não pode satisfazer os interesses imediatos de sua luta econômica, que são condicionados pela própria natureza dessa luta, senão por meio da filiação a uma organização profissional. A contribuição, que ele muitas vezes paga com sacrifícios significativos de sua qualidade de vida, lhe traz vantagens imediatas, visíveis. Mas ele também é capaz de ativar sua convicção social-democrata sem filiar -se a uma organização específica do partido: pelo voto nas eleições parlamentares, pelo comparecimento às assembleias populares social -democratas, pelo acompanhamento dos relatórios sobre os discursos social -democratas nos órgãos representativos, pela leitura da imprensa partidária - compare -se, por exemplo, o número de votantes social -democratas tanto com o número de assinantes do *Vorwärts* como com o número dos membros do partido organizados em Berlim. E o que é decisivo: o trabalhador médio de convicção social -democrata oriundo da massa, que, como homem simples, não pode ter compreensão da complicada e sutil⁴⁴ teoria das duas almas {dos líderes sindicais}, também no sindicato se sente organizado de modo *social -democrata*. Ainda que as associações centrais não carreguem uma identificação partidária oficial, o trabalhador da massa vê, em cada cidade e em cada vila, assim como os dirigentes mais ativos na dianteira de seu sindicato, aqueles colegas que ele também conhece da vida pública como companheiros, como social -democratas: ora como deputados social -democratas do Reichstag, do parlamento estadual ou do município, ora como conselheiros eleitorais, redatores do partido, secretários do partido, homens de confiança ou simplesmente oradores e agitadores social -democratas. Além disso, ele ouve, na agitação de seu sindicato,

⁴³ 1ª edição: efetiva.

⁴⁴ 1ª edição: incluído “assim chamada”.

frequentemente os mesmos pensamentos que se lhe tornaram caros e compreensíveis acerca da exploração capitalista, das relações de classe, que ele também conhece a partir da agitação social-democrata; aliás, a maioria e os mais conhecidos dos oradores nas assembleias sindicais {, aqueles que sozinhos “trazem vida pra barraca” e constituem a força de atração das assembleias sindicais em geral tão fracamente frequentadas e tão entorpecidas,} são social-democratas conhecidos. Assim, tudo concorre para dar ao trabalhador médio com consciência de classe o sentimento de que ele, ao se organizar sindicalmente, também faz parte de seu partido operário organizado de modo social-democrata. *E justamente nisso reside a verdadeira capacidade de recrutamento dos sindicatos alemães.* Não é graças à sua aparência de neutralidade, mas graças à sua natureza social-democrata que as associações centrais foram capazes de alcançar sua força atual. {Hoje, de fato, ninguém mais na Alemanha é enganado por essa aparência.} Isso tornou-se simplesmente inviável⁴⁵ pela coexistência de diferentes sindicatos: católicos, de Hirsch-Duncker etc. através dos quais se procura fundamentar aquela alegada necessidade de neutralidade⁴⁶. Quando o trabalhador alemão, que pode escolher livremente associar-se a um sindicato cristão, católico, evangélico ou liberal e não escolhe nenhum desses mas o “sindicato livre”, ou até mesmo deixa algum daqueles para filiar-se a este, ele apenas o faz pelo fato de entender as associações centrais como organizações declaradas da moderna luta de classes ou, o que na Alemanha dá no mesmo, como sindicatos social-democratas.

Em suma, a aparência de “neutralidade” que existe para os⁴⁷ líderes sindicais não existe para a massa dos sindicalmente organizados. Essa é a sorte das associações centrais⁴⁸. Se essa aparência de “neutralidade”, se o estranhamento e a distância dos sindicatos em relação à social-democracia algum dia se tornar realidade e, sobretudo, realidade aos olhos da massa proletária, então os sindicatos imediatamente perderão toda sua grande vantagem em relação às associações burguesas concorrentes, e com isso também sua capacidade de recrutamento, a chama que os anima. O que foi dito é claramente comprovado por fatos amplamente conhecidos. A aparente “neutralidade” político-partidária dos sindicatos poderia oferecer ótimos serviços como meio de atração num país em que a própria social-democracia não possuísse nenhum crédito junto às massas, em que seu ódio da organização trabalhadora, aos olhos da massa, mais prejudicasse que ajudasse⁴⁹, onde, em suma,

⁴⁵ 1ª edição: fundamentado.

⁴⁶ ⁴⁷ 1ª edição: política.

⁴⁷ 1ª edição: alguns

⁴⁸ 1ª edição: do movimento sindical

⁴⁹ 1ª edição: apoiasse

os sindicatos precisassem, primeiro, recrutar suas tropas a partir de uma massa não esclarecida, orientada pela burguesia. O exemplo de um país desse tipo foi, durante todo o século anterior e também hoje permanece sendo em grande medida – a *Inglaterra*. Na Alemanha, entretanto, as condições partidárias são completamente diferentes. Em um país no qual a social –democracia é o partido político mais poderoso, em que a capacidade de recrutamento está representada por um exército de mais de três milhões de proletários, é ridículo falar de um ódio que afastasse da social –democracia e da necessidade de uma organização combativa dos trabalhadores que fingisse⁵⁰ ser politicamente neutra. E a mera junção dos números de eleitores social –democratas com os números das organizações sindicais na Alemanha é suficiente para tornar claro, para qualquer criança, que os sindicatos alemães não recrutam suas tropas na massa não esclarecida e orientada pela burguesia, como na Inglaterra, mas antes buscam os proletários entre a massa que já foi sacudida pela social –democracia e levada para a ideia da luta de classes, entre a massa de eleitores da social –democracia. Os líderes sindicais repudiam, indignados – esse é um requisito da “teoria da neutralidade” – a ideia de enxergar os sindicatos como escolas de recrutamento para a social –democracia. De fato, essa suposição que lhes parece tão acintosa, e que, na verdade, é bastante lisonjeira, na Alemanha tornou –se fantasia pelo simples motivo de que a situação está invertida: na Alemanha é a social –democracia que constitui a escola de recrutamento para os sindicatos. Ainda que o trabalho de organização dos sindicatos seja, em sua maioria, bastante difícil e árduo, {de modo que ele desperta e alimenta, entre os líderes sindicais, a ilusão de que seriam eles a traçarem os primeiros sulcos na nova terra proletária e jogarem as primeiras sementes,} então de fato⁵¹ não apenas o terreno tornou –se cultivável através do arado social– democrata, mas é a própria semente sindical e, por fim, o semeador, que também precisam ser “vermelhos”, social –democratas, para que a plantação floresça. Mas se, desse modo, não comparamos os números da força sindical com os das organizações social –democratas, então o fazemos com os da massa de eleitores social –democratas, que é a única coisa certa a se fazer, e chegaremos a uma conclusão que se afasta significativamente da consciência vitoriosa e triunfante dos líderes sindicais⁵². Fica então claro que os “sindicatos livres” de fato ainda hoje representam a minoria do operariado alemão consciente, visto que com seu 1¼ milhão de trabalhadores organizados nem sequer conseguiram aproveitar metade da massa abrangida pela social –democracia.

⁵⁰ 1ª edição: resguardasse.

⁵¹ 1ª edição: então de modo geral, a não ser em algumas regiões e alguns casos.

⁵² 1ª edição: da ideia mais recorrente nesse sentido.

A conclusão mais importante dos fatos trazidos é que, para as lutas de massas vindouras na Alemanha, precisa *existir de fato unidade* total entre o movimento operário sindical e o social -democrata; na verdade ela está corporificada na ampla massa, que constitui, ao mesmo tempo, a base da social -democracia bem como a dos sindicatos, e em cuja consciência ambos os lados do movimento estão fundidos em uma unidade espiritual. Nessa situação, a suposta oposição entre a social -democracia e os sindicatos encolhe para uma oposição entre a social -democracia e a camada⁵³ superior dos funcionários sindicais, mas que, ao mesmo tempo, é uma oposição no interior dos sindicatos entre uma parte dos líderes sindicais e a massa proletária sindicalmente organizada. O grande crescimento do movimento sindical na Alemanha no decorrer dos últimos quinze anos, em especial no período da boa conjuntura econômica de 1895 -1900, trouxe consigo uma grande autonomização dos sindicatos, uma especialização de seus métodos de luta e de sua direção e, por fim, o surgimento de um verdadeiro estado -maior de funcionários sindicais. Todos esses fenômenos são o produto histórico natural dos quinze anos de crescimento dos sindicatos, um produto da prosperidade econômica e da calma política na Alemanha, perfeitamente explicável. Eles são, e isso vale notadamente para o estado maior dos funcionários sindicais⁵⁴, um mal historicamente necessário. Contudo a dialética do desenvolvimento implica que esses meios necessários de fomento do crescimento sindical, a uma certa altura da organização e num certo grau de maturidade da situação, se transformem em seu contrário, em obstáculos ao crescimento.

A especialização de sua atividade profissional como líderes sindicais, bem como seu horizonte naturalmente estreito, que num período calmo decorre das lutas econômicas fragmentadas, levam facilmente os funcionários sindicais a uma concepção burocrática e obtusa⁵⁵. Ambos se manifestam em toda uma série de tendências, que podem tornar-se fatídicas para o futuro do próprio movimento sindical. Disso faz parte, sobretudo, a sobrevalorização da organização, que aos poucos se transforma de meio para determinado fim, em fim em si, em um bem maior, ao qual são submetidos os interesses da luta {repetidamente}⁵⁶.

⁵³ 1ª edição: e uma determinada parte

⁵⁴ 1ª edição: Eles são, ainda que inseparáveis de certos malefícios, decerto inquestionáveis

⁵⁵ 1ª edição: e uma certa estreiteza.

⁵⁶ 1ª edição: incluído “devem ser”.

Daí também se explica aquela conhecida e confessa necessidade de repouso, que recua diante de um risco maior e de supostos perigos à existência dos sindicatos, diante da incerteza de ações de massas maiores, e enfim, a superestimação do modo de luta sindical propriamente dito, de suas expectativas e de seus sucessos. Os líderes sindicais, continuamente absorvidos pela luta econômica cotidiana, cuja tarefa consiste em tornar plausível para as massas trabalhadoras o elevado valor da conquista econômica por menor que seja, todo aumento salarial ou redução do tempo de trabalho, chegam gradualmente ao ponto em que eles mesmos perdem de vista os nexos maiores e o panorama da situação geral. Apenas assim é que se pode explicar que os⁵⁷ líderes sindicais alemães, por exemplo, apontem com tanta satisfação as conquistas dos últimos quinze anos, os milhões de marcos em aumentos salariais, em vez de, inversamente, enfatizar o outro lado da medalha: o enorme rebaixamento do nível de vida dos proletários causado pelo preço extorsivo do pão, por toda uma política alfandegária e tributária, pelo usurário de terras que elevou de maneira tão exorbitante os aluguéis, em resumo, por todas aquelas tendências objetivas da política burguesa, que em grande parte voltam a tornar ilusórias⁵⁸ aquelas conquistas de quinze anos de lutas sindicais. Em vez de mostrarem *toda* a verdade social -democrata, que acentuando a necessidade absoluta do trabalho atual, coloca o peso maior na *crítica* e nos limites desse trabalho, apoiam assim uma *meia* verdade sindical, de modo que apenas se destaque o que há de positivo na luta diária. E, por fim, a ocultação dos limites objetivos postos pela ordem social burguesa à luta sindical transforma -se numa hostilidade direta contra toda e qualquer crítica teórica que aponte para esses limites em conexão com os objetivos finais do movimento operário. A bajulação incondicional e o otimismo ilimitado tornam -se obrigação de todo “amigo do movimento sindical”. Mas dado que a posição social -democrata consiste justamente em combater o otimismo sindical acrítico, bem como em combater o otimismo parlamentar acrítico, acaba -se por fazer frente contra a própria teoria social -democrata: os sindicalistas procuram às apalpadelas uma “nova teoria”, isto é, uma teoria que, em oposição à teoria social -democrata, abrisse perspectivas ilimitadas de ascensão econômica à luta sindical, no terreno da ordem capitalista. Na verdade, uma teoria desse tipo já existe há bastante tempo: trata -se da teoria do Prof. *Sombart*, que foi construída com o intuito expresso de colocar uma cunha entre os sindicatos e a social -democracia na Alemanha, e atrair os sindicatos para o terreno burguês.

⁵⁷ 1ª edição: que alguns.

⁵⁸ 1ª edição: anular.

Encontra-se numa parte dos líderes sindicais, em conexão estreita com essa mudança teórica, uma mudança na relação do líder com a massa. No lugar da direção colegiada, sem salário, de uma agitação sindical feita por puro idealismo por meio de comissões locais dos próprios companheiros, entra a direção técnica regular, burocrática de funcionários sindicais, na maioria das vezes enviados de fora.

Com a concentração dos fios do movimento em suas mãos, também a competência em questões sindicais se torna sua especialidade profissional. A massa dos companheiros é degradada à incompetência, seu dever é sobretudo aceitar a “disciplina”, ou seja, a obediência passiva. Em oposição à social -democracia, onde, contrariamente à fábula tendenciosa da “ditadura de Bebel”, reina de fato o maior democratismo através da elegibilidade e da administração colegiada, onde a direção do partido é de fato apenas um órgão administrativo, existe nos sindicatos, em muito maior medida, a relação da autoridade com a massa subjugada⁵⁹. A melhor expressão desse ponto de vista é em especial a argumentação segundo a qual toda crítica teórica das perspectivas e possibilidades da prática sindical deve ser proibida, porque supostamente representa um perigo para a devoção da massa em relação aos sindicatos. Decorre deste ponto de vista que só uma fé cega e infantil na salvação da luta sindical pode conquistar a massa trabalhadora para a organização e nela mantê-la. Em oposição à social -democracia, que baseia sua influência justamente no discernimento da massa sobre as contradições da ordem vigente e de toda a complicada natureza de seu desenvolvimento, no comportamento crítico da massa em todos os momentos e estágios da própria luta de classes, a influência e o poder dos sindicatos, de acordo com essa teoria⁶⁰, estão fundados na falta de crítica e de julgamento da massa. “Deve -se manter a fé do povo” – é esse o fundamento, a partir

⁵⁹ 1ª edição: Em conexão estreita com essa mudança teórica encontra -se uma mudança na relação do líder com a massa. Em lugar da liderança colegiada constituída por comissões locais, com suas insuficiências indubitáveis, entra a liderança empresarial do funcionário sindical. Desse modo, a iniciativa e a capacidade de julgamento tornam -se, por assim dizer, sua especialidade profissional, enquanto à massa cabe, sobretudo, a virtude mais passiva da disciplina. Esses lados sombrios do funcionalismo decerto escondem também perigos significativos para o partido, que facilmente se darão a partir da renovação, da nomeação de secretários locais do partido, se a massa social -democrata não considerar que os citados secretários são apenas simples órgãos executivos e não os responsáveis pela iniciativa e pela liderança da vida partidária local. Mas na social -democracia, pela natureza das coisas, pelo caráter da própria luta política, o burocratismo tem limites mais estreitos que na vida sindical. Aqui justamente a especialização técnica das lutas salariais, por exemplo, a aprovação de complicados acordos salariais e similares, contribui para que a massa dos organizados frequentemente se retire a “uma visão geral da vida profissional” e, assim, se fundamenta sua incompetência.

⁶⁰ 1ª edição: incluído “contrária”.

do qual alguns funcionários sindicais transformam toda a crítica às insuficiências objetivas do movimento sindical num atentado a esse movimento. E por fim, um resultado dessa especialização e desse burocratismo dos funcionários sindicais é, também, a forte autonomização e a “neutralidade” dos sindicatos diante da social-democracia. A autonomia externa da organização sindical adveio de seu crescimento como uma condição natural, como uma relação proveniente da divisão técnica do trabalho entre a forma de luta política e sindical. A “neutralidade” dos sindicatos alemães surgiu, por sua vez, como um produto da legislação reacionária das associações⁶¹ e do Estado policial prussiano - alemão. Com o tempo, ambos os fatores alteraram sua natureza. Da “neutralidade” política dos sindicatos, uma condição policialmente imposta, se tirou posteriormente uma teoria de sua neutralidade voluntária como uma necessidade supostamente fundamentada na natureza da própria luta sindical. E a autonomia técnica dos sindicatos, que deveria residir na divisão prática do trabalho no interior da luta de classes social -democrata unificada, foi transformada na independência⁶² dos sindicatos diante da social -democracia; e seus pontos de vista e sua liderança foram transformados na assim chamada “igualdade de direitos”. Essa aparência de independência⁶³ dos sindicatos e de igualdade de direitos⁶⁴ entre eles e a social -democracia é encarnada, sobretudo, nos funcionários sindicais, alimentada pelo aparato administrativo dos sindicatos. Por meio da coexistência de todo um *staff* sindicalista, de uma central completamente independente, de uma imprensa profissional numerosa e, por fim, dos congressos sindicais, exteriormente está criada a aparência de paralelismo total com o aparato administrativo da social -democracia, com sua direção, imprensa e congressos. Essa ilusão de igualdade de direitos⁶⁵ entre a social -democracia e os sindicatos também levou, entre outras coisas, à aberração de que, nos congressos do Partido Social -Democrata e nas conferências sindicais, as pautas tratadas são em parte bastante análogas e para a mesma questão são tomadas decisões diretamente opostas. A partir da divisão do trabalho⁶⁶ entre o Congresso do partido, que representa os interesses e as tarefas gerais do movimento operário, e as conferências sindicais, que tratam do domínio bem mais restrito das questões e dos interesses especiais da luta profissional diária, foi construída uma cisão entre uma suposta visão de mundo sindical e outra social-democrata no que

⁶¹ A legislação das associações, com seu caráter antidemocrático, voltava -se sobretudo contra as associações políticas da classe trabalhadora e limitava o direito de coligação. Como na Prússia, os sindicatos também eram associações políticas, e estavam sempre ameaçados de dissolução.

⁶² 1ª edição: separação.

⁶³ 1ª edição: separação.

⁶⁴ 1ª edição: equiparação.

⁶⁵ 1ª edição: equiparação.

⁶⁶ 1ª edição: incluído “natural”.

se refere às *mesmas* questões e interesses gerais do movimento operário. {Uma vez criado esse estado anormal, porém, ele tende naturalmente a crescer e a intensificar -se cada vez mais. De agora em diante, a partir do surgimento do mau hábito das pautas paralelas nos congressos sindicais e partidários, a própria existência dos congressos sindicais é um atrativo natural para uma demarcação e uma separação cada vez mais forte em relação à social -democracia. Para documentar a própria “autonomia” para si e perante outros, os congressos sindicais – que, como se sabe, são sobretudo congressos de funcionários – procuram trazer à tona instintivamente o que separa, o que é “especificamente sindical”. Do mesmo modo, a própria existência de uma direção central independente e paralela dos sindicatos leva a que, do ponto de vista psicológico, se procure tornar palpável a própria independência em oposição à direção da social -democracia, a que se procure apreender todo contato com o partido sobretudo pela ótica dos “limites de competência”.}

Assim se constituiu um estado peculiar, em que o mesmo movimento sindical que embaixo, com a social -democracia, na ampla massa proletária, está completamente unificado, em cima, na superestrutura administrativa, separa -se bruscamente da social -democracia, e se coloca como uma segunda potência independente, em contraste com ela. O movimento operário alemão ganha, assim, a forma peculiar de uma pirâmide dupla, cuja base e corpo são constituídos da mesma massa, sendo que as duas pontas, porém, encontram -se uma longe da outra. Está claro, pelo que foi exposto, por qual caminho, de modo natural e bem -sucedido, pode ser criada aquela unidade compacta do movimento operário alemão que, em relação às lutas de classe vindouras, bem como no interesse próprio do desenvolvimento contínuo dos sindicatos, é inquestionavelmente necessária. Nada seria mais contrário ou desesperançoso do que querer construir a unidade almejada no caminho de negociações esporádicas ou periódicas, acerca de questões individuais do movimento operário, entre a liderança partidária social -democrata e a central sindical. Justamente as instâncias superiores das duas formas do movimento operário encarnam, como vimos, sua separação e autonomização em si, e são, pois – isso se refere nomeadamente à direção sindical – portadores⁶⁷ {e pilares} da ilusão da “igualdade de direitos” e da existência paralelada social -democracia e dos sindicatos. Querer construir a unidade de ambas pela ligação da direção partidária e da comissão geral significaria construir uma ponte justamente ali onde a distância é maior e a passagem mais difícil. {Caso esse tipo de ligação entre partido e sindicatos, essa repetida negociação de potência para potência se tornasse sistemática, isso nada mais seria do que justamente a beatificação da relação federativa entre o todo do movimento de classe proletário e um fenômeno parcial desse movimento, que, como uma anormalidade, seria

⁶⁷ 1ª edição: são elas próprias.

eliminada. A relação diplomático – federativa entre a instância superior social –democrata e sindical apenas pode levar a um estranhamento e esfriamento cada vez maior das relações, tornar –se a fonte de novos atritos. E isso encontra –se na natureza da coisa. A própria forma dessa relação mostra que a grande questão da união harmônica entre o lado econômico e o lado político da luta de emancipação proletária se transforma na questão minúscula de uma relação de “vizinhos amistosos” entre as “instâncias” na Lindenstrasse e na margem do Engel⁶⁸, e que as grandes perspectivas do movimento operário são encobertas por insignificantes preocupações hierárquicas e sensibilidades. O primeiro teste com o método diplomático de instâncias, as negociações da direção partidária com a Comissão Geral no que se refere à greve de massas, já forneceram provas suficientes para a falta de sentido desse procedimento. E quando a Comissão Geral recentemente explicou que em algumas ocasiões, ora deste ora daquele lado, foram solicitadas e se realizaram reuniões entre ela e a direção partidária, esta garantia, do ponto de vista da etiqueta recíproca, deve ter um efeito tranquilizador e edificante; contudo, o movimento operário alemão, que à vista do preocupante período que se aproxima precisa apreender todos os problemas de sua luta em um nível mais profundo, tem todos os motivos para deixar de lado essa prática chinesa de mandarim e procurar a solução da tarefa lá onde está dada por si própria pela situação.} Não é no alto, no cume das lideranças das organizações e da sua associação federativa, mas embaixo, na massa proletária organizada, que se encontra a garantia para a verdadeira unidade do movimento operário. Na consciência dos milhões de membros dos sindicatos, o partido e o sindicato são de fato *um*, a saber, a luta emancipatória *social –democrata* do proletariado sob formas diferentes. Daí a necessidade, para eliminar aquele atrito entre a social –democracia e os⁶⁹ sindicatos, de adaptar sua relação recíproca à consciência da massa proletária, *isto é, voltar a unir os sindicatos a social –democracia*. Com isso apenas se expressa uma síntese do desenvolvimento real, que passou da incorporação original dos sindicatos à sua separação da social –democracia para depois, através do período de elevado crescimento tanto dos sindicatos quanto da social –democracia, preparar o período vindouro de grandes lutas de massas proletárias, tornando assim necessário, porém, a reunificação da social –democracia e dos sindicatos no interesse de ambos. Não se trata aqui, evidentemente, da dissolução de toda⁷⁰ a estrutura sindical no partido, mas da construção daquela relação natural entre a liderança da social –democracia e dos sindicatos, entre os congresso partidários e os congressos sindicais, que corresponda à relação efetiva entre o movimento

⁶⁸ A direção do SPP tinha sua sede na Lindenstrasse em Berlim e, à margem do Engel, encontrava –se a Comissão Geral dos Sindicatos da Alemanha.

⁶⁹ 1ª edição: uma parte dos.

⁷⁰ 1ª edição: natural

operário como um todo e seu fenômeno sindical parcial. Uma guinada dessas, como não poderia deixar de ser, irá provocar forte oposição de parte dos funcionários sindicais⁷¹. Mas já é tempo de que a massa trabalhadora social-democrata aprenda a expressar sua capacidade de julgamento e de ação e, assim, expor sua maturidade para as épocas de grandes lutas e grandes tarefas, em que ela, a massa, deve ser o coro ativo, as lideranças devem ser apenas as “pessoas que falam”⁷², os tradutores da vontade da massa.

O movimento sindical não é aquilo que se espelha nas ilusões inteiramente explicáveis mas equivocadas de algumas dúzias de líderes sindicais, e sim aquilo que vive na consciência da grande massa dos proletários que foram ganhos para a luta de classes. Nessa consciência, o movimento sindical é uma parte da social -democracia. “E o que ele é, ele deve ousar parecer.”

São Petersburgo, 15 de setembro de 1906.

⁷¹ 1ª edição: líderes sindicais

⁷² 1ª edição: incluído “isto é”